



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA

MESTRADO PROFISSIONAL

Instituição Associada

IFFluminense – Campus Macaé

DIOGO HENRIQUES CABRAL

MACAÉ-RJ

2023

DIOGO HENRIQUES CABRAL

ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA (EPT): UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DA AUTONOMIA DO
SURDO NO IF FLUMINENSE *CAMPUS* CAMPOS CENTRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, área de concentração Educação Profissional e Tecnológica, linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador(a): Dr. Adelson Siqueira Carvalho

MACAÉ-RJ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- C117a Cabral, Diogo Henriques, 1989-.
Acessibilidade comunicacional na Educação Profissional e Tecnológica (EPT): uma investigação acerca da autonomia do surdo no IFFluminense Campus Campos Centro / Diogo Henriques Cabral. — Macaé, RJ, 2023.
93 p.: il. color.
- Orientador: Adelson Siqueira Carvalho, 1981-.
Dissertação (Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica) — Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Macaé, RJ, 2023.
Inclui referências.
1. Surdos - Educação. 2. Educação inclusiva. 3. Ensino profissional. 4. Ensino integrado. 5. . I. Carvalho, Adelson Siqueira, 1981-, orient. II. Título.

CDD 371.912 (23. ed.)

Dissertação intitulada **ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: uma investigação acerca da autonomia do surdo no campus campos centro**, elaborada por **Diogo Henriques Cabral** e apresentada, publicamente perante a Banca Examinadora, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal Fluminense - IFFluminense, na área concentração Educação Profissional e Tecnológica, linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em: 07/11/2023

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
gov.br ADELSON SIQUEIRA CARVALHO
Data: 01/12/2023 13:35:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Adelson Siqueira Carvalho, Doutor em Educação
Instituto Federal Fluminense (IFFluminense)
Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
gov.br BIANKA PIRES ANDRE
Data: 11/12/2023 15:57:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Bianka Pires André, Doutora em Educação
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)



Karina Hernandez Neves, Doutor(a) em Ciências Sociais
Instituto Federal Fluminense (IFF)

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão a todos que contribuíram para esta etapa acadêmica, tornando-a possível e significativa.

Primeiramente, manifesto minha gratidão a Jeová Deus, cujo poder e sabedoria são inigualáveis, permitindo-me ter condições para que este objetivo fosse alcançado.

À minha família, especialmente minha querida esposa Uani, cujo notável apoio e compreensão durante os momentos dedicados à pesquisa foram fundamentais para o êxito desta caminhada.

Ao Instituto Federal Fluminense, reconheço e agradeço pela oportunidade e incentivo ao desenvolvimento profissional dos seus servidores, além do apoio fornecido pelos profissionais e estudantes do NAPNE, que acompanharam e contribuíram de diversas formas para a construção deste trabalho.

Agradeço ao aprendizado proporcionado pela comunidade surda, tanto no aspecto profissional quanto na acolhida pessoal.

Aos amigos de longa data e àqueles que surgiram durante esta jornada acadêmica, agradeço pelo apoio mútuo e encorajamentos constantes.

Ao meu orientador, Adelson, agradeço pela tranquilidade ao compartilhar conhecimentos e pela franqueza em apontar melhorias em diversos aspectos deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, agradeço pelas considerações valiosas que enriqueceram esta pesquisa, não deixando de mencionar, o genuíno interesse no trabalho e postura notavelmente cordial nos tratos comigo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estrutura organizacional da pesquisa.....	14
Figura 2 - Apresentação das informações do Curso Técnico em Informática no site do IF Fluminense.....	16
Figura 3 - Vídeo de apresentação do Curso Técnico em Informática	16
Figura 4 - Elementos norteadores na construção do Produto Educacional	42
Figura 5 – Página de edição do produto educacional no Clipchamp.....	47
Figura 6 – Página de edição do produto educacional no Canva.....	47
Figura 7 – Glossário de termos técnicos do Curso em Informática.....	49
Figura 8. Primeira etapa de construção do produto Educacional	51
Figura 9 – Segunda etapa de construção do produto educacional.....	51
Figura 10 - Terceira etapa de construção do produto educacional	52
Figura 11 - Representação da última etapa de construção do produto educacional	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Roteiro de entrevista a ser realizada com o público da pesquisa	29
Tabela 2 - Dados referentes à participação de surdos nos processos seletivos	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CAT – Comitê de Ajudas Técnicas

EPT – Educação Profissional Tecnológica

IF Fluminense – Instituto Federal Fluminense.

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

ISECENSA - Institutos Superiores de Ensino do Censa

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Libras – Língua Brasileira de Sinais

NAPNE – Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas

PROFEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

Proeja – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja)

SEDH – Secretaria Especial dos Direitos Humanos

TA – Tecnologia Assistiva

TAS – Teoria de Aprendizagem Significativa

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT): UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DA AUTONOMIA DO SURDO NO IF FLUMINENSE CAMPUS CAMPOS CENTRO

RESUMO

Diante do quadro de evasão por parte dos estudantes surdos no bojo da EPT, é possível identificar dificuldades na acessibilidade comunicacional que tem refletido na permanência, sendo necessário investigar as possíveis causas advindas do desconhecimento das especificidades desse público interessado em ingressar em algum curso no IFFluminense *campus* Campos Centro. Para tal, a pesquisa foi organizada em um estudo de caso para compreender as barreiras encontradas nos canais de informação do IFFluminense e as demandas necessárias para atender o público surdo. Desse modo, objetiva-se aprofundar as investigações relativas as dificuldades provenientes da falta de acessibilidade nas informações acerca dos cursos técnicos ofertados pelo IF Fluminense *campus* Campos Centro, para, em seguida, desenvolver um guia didático pautado nos resultados desta pesquisa. Assim, o respectivo produto educacional visa estimular o autoconhecimento de maneira que permita ao usuário confrontar o próprio perfil com as características dos cursos ofertados. Através da paridade linguística, observância dos preceitos legais e do desenvolvimento de instrumentos educacionais, este último alicerçado no conceito de organizadores prévios da Teoria da Aprendizagem Significativa, busca-se promover autonomia durante o processo de escolha de curso.

Palavras-chave: Acessibilidade Comunicacional. Surdo. Autonomia. IFFluminense. Libras.

COMMUNICATIVE ACCESSIBILITY IN PROFESSIONAL AND TECHNOLOGICAL EDUCATION (PTE): AN INVESTIGATION REGARDING THE AUTONOMY OF DEAF INDIVIDUALS AT IF FLUMINENSE CAMPUS CAMPOS CENTRO

ABSTRACT

Faced with the issue of dropout rates among deaf students within the context of Professional and Technological Education (PTE), it is possible to identify difficulties in communicative accessibility that have had impact on student retention. Therefore, it is necessary to investigate the possible causes arising from a lack of understanding of the specific needs of the group interested in enrolling in courses at IFFluminense campus Campos Centro. For this purpose, the research was organized as a case study to comprehend the barriers found in the information channels of IFFluminense and the necessary requirements to accommodate the deaf audience. In this way, the objective is to deepen investigations related to the difficulties arising from the lack of accessibility in the information about the technical courses offered by IFFluminense, campus Campos Centro, in order to subsequently develop a didactic guide based on the results of this research. This educational product aims to encourage self-awareness, enabling the user to compare the characteristics of the courses offered. Through linguistic parity, compliance with legal principles, and the development of educational tools, the latter based on the concept of advance organizers from the Theory of Meaningful Learning, the aim is to promote learning, security, and realistic expectations during the course selection choice process.

Keywords: *Communicative Accessibility. Deaf. Autonomy. IFFluminense. Libras.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Justificativa/Relevância	14
1.2	Objetivos	18
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1	Breve relato sobre a Educação de Surdos	20
2.2	Escolhas à luz da Teoria de Aprendizagem Significativa (TAS) de Ausubel	23
2.3	Bases legais na implementação de acessibilidade	25
3	METODOLOGIA	28
4	PRODUTO EDUCACIONAL	40
5	RESULTADOS DA PESQUISA	54
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
7	REFERÊNCIAS	67
	APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	73
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	88
	APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/VOZ	89
	ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	90

1 INTRODUÇÃO

Atender as necessidades educacionais dos estudantes sempre será um desafio em virtude da complexidade de cada indivíduo. Neste sentido, embora haja diferença entre as pessoas, é comum organizarem-se quando partilham histórias, experiências, lutas e, por que não, no modo como se comunicam. Aliás, é o processo comunicativo que permite a troca de informações entre sujeitos. De acordo com Ferraz (2015, p.1), “a comunicação é a forma como as pessoas se relacionam entre si, consiste numa atividade essencial para a vida em sociedade, pois é desta forma que nos expressamos [...], transmitimos e recebemos informações”.

O Surdo faz parte desse grupo minoritário que traz singularidade na maneira que interagem entre si e com a sociedade majoritariamente ouvinte. Em vista disso, entender a relação humana estabelecida entre surdos e ouvintes é imprescindível para identificar as peculiaridades desta comunidade e os entraves oriundos desta diferença.

A experiência trazida no âmbito da Educação Inclusiva, atuando como tradutor-intérprete de Libras no ensino fundamental, despertou minha atenção justamente aos prejuízos causados pelos ruídos comunicacionais que limitam o acesso e a autonomia do surdo. Isso traz sérias implicações a este público com a EPT, muitos desconhecem, mesmo genericamente, as possibilidades de formação ofertadas pelo Instituto.

Em 2014, ano em que ingressei como servidor público no IF Fluminense, encontrei uma infraestrutura escolar pouco vista em outros estabelecimentos de ensino. Dado o seu potencial inclusivo favorável, o Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) cujo objetivo visa contribuir para implementação de políticas de acesso, permanência e conclusão com êxito dos estudos dos alunos com necessidades educacionais específicas, surgia para mim como espaço em que poderia ser promovida as ações pertinentes às necessidades dos surdos, em especial, a diminuição dos entraves na comunicação.

Vale destacar que a questão perpassa a diferença linguística, sendo necessário compreender, mesmo que resumidamente, a maneira como o próprio surdo concebe a surdez, sobretudo quando falamos sobre sua cultura construída ao longo da história. Strobel (2008, p. 24) afirma

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo ajustando-os com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Como tradutor-intérprete incorporado àquela equipe multiprofissional, percebi ao longo do tempo a dificuldade da comunidade surda de desenvolver identidade com o espaço e senso de pertencimento. Através de conversas informais, pude notar que esta sensação se baseava nas dificuldades que começaram do portão de entrada do Instituto até os espaços mais frequentados pelos discentes. O que restava era sempre ser conduzidos até o NAPNE onde sabiam que encontrariam intérpretes ou alguma pessoa que tinha noção da Libras.

O acesso transcende o local ocupado pela recepcionista e as indicações de onde se encontram os setores. Podemos dizer que envolve acessar as informações sobre os cursos existentes, saber onde atuam os estudantes que se formam em determinado curso e quais áreas do saber são pertinentes às características do curso. Silva (2011 apud Cardoso, 2016, p. 66) reitera com base no Decreto nº 3298/1999 (Política Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência) que as Instituições de Educação Profissional “devem oferecer serviço de apoio especializado às pessoas com deficiência, tais como adaptação de recursos instrucionais, capacitação de recursos humanos e adaptação dos espaços físicos e ambientais e dos recursos de comunicação”.

Para o estudante surdo, as medidas que fomentam a acessibilidade e autonomia, ainda nas etapas que precedem o processo de seleção, têm importantes reflexos na permanência escolar, ou seja, a comunicação institucional acessível traz resultados para além do idioma, envolve autoconhecimento à medida que são confrontados com escolhas, nesse caso, a decisão sobre qual curso está mais alinhado com suas predileções.

Neste processo, temos elementos precípuos da Aprendizagem Significativa de Ausubel (1963) inseridos na etapa do autoconhecimento. Quando exposto a uma nova informação, o surdo pode assimilar e integrar esses dados à sua estrutura de conhecimento. Assim, para contribuir com a acessibilidade da informação, planeja-se o desenvolvimento de um guia didático de cursos técnicos em Libras.

Aliás, a proposta do guia de curso como produto educacional, é por considerar que ele tem o propósito de informar para o estudante aspectos gerais que são relevantes à tomada de decisão. De acordo com Choo (2003, p. 20),

A consciência da necessidade de informação surge com o sentimento de dúvida e inquietude sobre a própria capacidade de dar sentido à experiência. Esses sentimentos vagos podem se solidificar em questões ou tópicos bem definidos, capazes de desencadear a busca da informação. A busca da informação é o processo pelo qual o indivíduo procura obter informações com um propósito definido, de modo a mudar seu nível de conhecimento.

Os elementos trazidos por Choo (2003) dialogam com os pressupostos da teoria da Aprendizagem Significativa de Ausubel (1963) à medida que a informação pode ser trabalhada na perspectiva do cognitivismo.

Quando se fala em aprendizagem segundo o constructo cognitivista, está se encarando a aprendizagem como um processo de armazenamento de informação, condensação em classes mais genéricas de conhecimentos, que são incorporados a uma estrutura na mente do indivíduo, de modo que esta possa ser manipulada e utilizada no futuro. É a habilidade de organização das informações que deve ser desenvolvida (Moreira; Masini, 2006, p. 13).

Assim, pretende-se resgatar conceitos fundamentais já na utilização do guia de maneira que a respectiva informação funcione como ponto de ancoragem na estrutura mental do surdo. Desse modo, espera-se que a aprendizagem ocorra no processo de escolha de um curso auxiliado pelo guia.

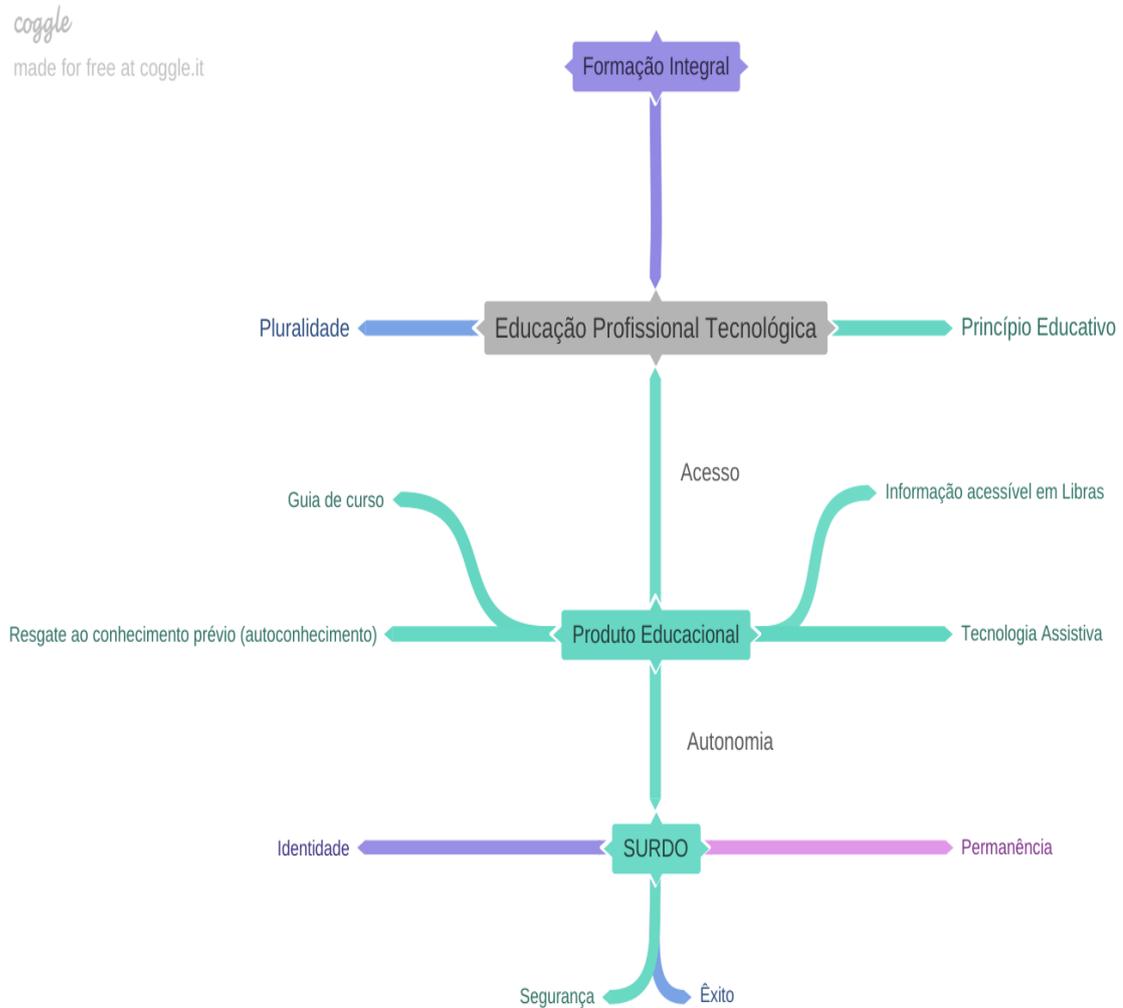
Vale destacar que as tecnologias digitais cumprem importante papel no desenvolvimento deste guia, na implementação da acessibilidade comunicacional. De acordo com Silveira (2020, p. 57) “recursos tecnológicos digitais acessíveis podem ser considerados poderosos instrumentos de democratização e acesso ao processo de ensino-aprendizagem”.

Do ponto de vista pedagógico, resgatar conceitos dos organizadores prévios na construção de um produto educacional que auxilie um candidato na análise de qual curso realizar pode contribuir para reduzir uma das causas da evasão escolar: a expectativa não realista. Vale destacar que a permanência escolar também está associada à tomada de decisões de maneira segura quanto à carreira em que se quer seguir.

Desse modo, busca-se com este conjunto de fatores aprimorar os mecanismos de acessibilidade do IF Fluminense no atendimento aos candidatos surdos que por sua vez já fazem parte do quadro de discentes de vários *campi*.

Em síntese, a respectiva pesquisa será estruturada levando em consideração algumas premissas fundamentais da EPT conforme pode ser visto na Figura 1:

Figura 1 - Estrutura organizacional da pesquisa



Fonte: Elaborado pelo autor.

1.1 Justificativa/Relevância

A democratização no acesso à educação a partir do ano de 2006, estimulou o aumento na quantidade de matrículas. Neste ano, a educação profissional pública federal passou por um processo de expansão e interiorização sendo consolidado com a criação dos Institutos Federais em 2008 sob a Lei nº 11.892.

De fato, a ampliação foi uma realidade tanto quanto as dificuldades encontradas no ingresso, permanência e êxito dos estudantes durante a trajetória escolar. Nesse período, são iniciados os primeiros trabalhos de políticas inclusivas em decorrência da expansão.

Os trabalhos foram iniciados com uma pesquisa que identificou na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica instituições que já desenvolviam, de alguma forma, cursos para pessoas com necessidades específicas. Depois disso, foram

desenvolvidas outras ações: reuniões de trabalho envolvendo as instituições da Rede, Secretarias Municipais de Educação e entidades representativas e também aquelas que já atuavam nesse atendimento há mais tempo (Nascimento; Faria, 2012, p.16).

Esses esforços embrionários permitiram ampla discussão acerca dos motivos do ingresso e permanência de estudantes com deficiência. Atualmente, encontram-se ações favoráveis à acessibilidade, que são resultados dessas discussões, mas que revelam também outros aspectos da evasão. No caso do surdo, por exemplo, a questão perpassa o dever legal da tradução em Libras dos editais. De acordo com o documento Orientador para a Superação da Evasão e Retenção na Rede Profissional, Científica e Tecnológica (Brasil, 2014):

A decisão de evadir-se é tomada em função da falta de integração com o ambiente acadêmico e social da instituição, sendo esta integração influenciada pelas características individuais, pelas perspectivas para a carreira ou curso e, por último, pelas intenções/objetivos e compromissos assumidos antes do início do curso (Tinto, 1975 *apud* Brasil, 2014, p.15).

É comum o desenvolvimento de programas institucionais objetivarem assertividade ao identificar questões que podem estar prejudicando o desempenho do estudante. Por isso, não raro, são elaborados instrumentos capazes de distensionar rotinas engessadas a ponto de colaborar para autonomia do aluno e aproximar suas experiências com o “mundo novo” de possibilidades e novidades nas quais encontrará no ambiente acadêmico.

Quando esta proximidade não ocorre, o êxito escolar fica comprometido uma vez que diante de uma expectativa frustrada a evasão torna-se tendência. Segundo Gaioso (2005, p. 19), a evasão “pode ser ocasionada pela desinformação em relação à carreira escolhida, pelo desconhecimento das próprias capacidades e interesses”, quando não há informações “sobre a profissão e o curso em que os alunos ingressam leva muitos à evasão” (Gaioso, 2005, p. 17).

Ao longo do tempo, uma das principais bandeiras levantadas no processo de inclusão é a autonomia. Ao passo que várias investigações nos espaços sociais aconteciam, constatavam-se a necessidade de um olhar democrático que apontasse para muitas barreiras comunicacionais responsáveis pela falta de informação e cerceamento de direitos. Este cenário passou a ser modificado a partir das conquistas legais como a Lei 13.146/15 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), amparos na Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Decreto 10.502/20, Lei 10.436/10, Decreto 5626/05 entre outros que fomentaram a criação de programas de acessibilidade institucionais, em especial, no âmbito educacional. Entretanto, para o direito ser assegurado é necessário ponderar em ações que estejam alinhadas com o propósito da legislação.

Desse modo, desenvolver mecanismos que permitem a escolha autônoma pautada nas informações institucionais precisam ser realizadas de maneira qualitativa, corroborando com as lutas e os anseios dos surdos.

Cabe ressaltar que o site do IFFluminense conta com uma área dedicada às informações sobre os cursos ofertados elencando o perfil profissional, área de atuação, duração, turno e requisitos. Além disso, encontra-se vinculada à página o “encontre seu curso” – seção do IFF Tube com vídeos explicativos sobre os cursos. As Figuras 2 e 3 indicam como são padronizadas as informações dos cursos. Como exemplo, as respectivas imagens são da página com as informações do Curso Técnico de Informática e sua interface.

Figura 2 - Apresentação das informações do Curso Técnico em Informática no site do IF Fluminense

The screenshot displays the website interface for the 'Curso Técnico em Informática'. On the left, there is a navigation menu with options like 'Seleções e Concursos', 'COVID-19', and 'Transparência e Prestação de Contas'. Below this, a section titled 'NOSSOS CAMPI' lists various campus locations. The main content area features a large banner with the course title and a green circular icon containing a mouse cursor. To the right of the banner, there are icons representing course details: a calendar for 'Duração 3 anos', a clock for 'Turno Manhã, Tarde e Noite', and a graduation cap for 'Requisito Ensino Fundamental Completo'. The 'Perfil Profissional' section describes the skills and knowledge required for the course, while the 'Área de Atuação' section lists potential career paths and job functions.

Fonte: Captura da tela do site do IF FLUMINENSE (2022).

Figura 3 - Vídeo de apresentação do Curso Técnico em Informática

The screenshot shows a YouTube video player interface. The video title is 'Encontre seu curso - Informática'. The main visual of the video is a dark background with the text 'ENCONTRE SEU CURSO' in large, bold, white letters. Below the video player, there are three buttons: 'Projeto Pedagógico', 'Grade de Horários', and 'Ementa', each with a plus sign indicating more options. The video player controls at the bottom show a progress bar at 0:04 / 1:22 and the YouTube logo.

Fonte: Captura da tela do site do IF FLUMINENSE (2022).

Por que então pensar em desenvolver um guia didático de curso uma vez que há um instrumento na página do IFF cujo objetivo aparentemente cumpre o mesmo papel?

É importante destacar que o público surdo não é contemplado plenamente por este instrumento. O primeiro aspecto é de ordem comunicacional. Segundo a Lei nº 13.146/15,

Qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que dificulte ou impossibilite a expressão ou recebimento de mensagens e de informações por intermédio de sistemas de comunicação e de tecnologia da informação estamos tratando de barreiras nas comunicações e na informação (Brasil, 2015).

Em primeiro momento, identifica-se ausência de acessibilidade em Libras somado aos elementos visuais pouco colaborativos para compreender as informações sobre o curso. Além disso, são trazidos termos pouco conhecidos pelo público que poderiam ser melhor explorados na apresentação visual.

Cabe destacar ainda, os elementos de construção visual. Quando objetiva-se criar conteúdo pensando em um público que necessita de acessibilidade, a utilização de imagens exige critérios para além de algo decorativo. De acordo com Belaude e Sofiato (2019, p. 73),

[...] a imagem atua como mediadora no processo de produção de conhecimento, e não se finda nela. [...], o conceito de cultura visual é novo porque entende o visual como o lugar onde se criam e se discutem significados, portanto cultura visual dá a prioridade às experiências cotidianas do visual.

Para o surdo, as imagens podem trazer apreensão de conceitos haja visto que uma palavra conhecida remete a alguma referência visual. Quando ele se depara com um termo cujo significado não conhece, requer analisar o processo visual de significância. Embora alguns vídeos educacionais apontem a área de atuação de um determinado curso, não se pode esperar que apenas esse tipo de informação escrita seja o suficiente para dar significado no âmbito da cultura visual.

Com relação ao Surdo, não se pode falar de comunicação e autonomia sem incluir a língua de sinais, neste caso, a Libras (Língua Brasileira de Sinais) para as comunidades surdas. Não obstante, viabilizar a acessibilidade em Libras na comunicação institucional depende da observância do arcabouço legal e científico, assim como o desenvolvimento de medidas que visam a promoção da acessibilidade concebidas na utilização de tecnologias assistivas.

A partir do exposto, tem-se como questão de pesquisa da presente dissertação, a seguinte questão de pesquisa: Como um guia didático de cursos técnicos em Libras pode minimizar os problemas de acessibilidade dos surdos às informações institucionais e como isso impacta nos aspectos de acesso e continuidade acadêmica? Para responder essa questão, foram estabelecidos objetivos gerais e específicos de pesquisa.

1.2 Objetivos

Serão apresentados os objetivos geral e específico do trabalho.

Geral

Investigar as dificuldades provenientes da falta de acessibilidade nas informações acerca dos cursos técnicos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro para, posteriormente, desenvolver um guia didático de cursos técnicos pautado nos resultados da pesquisa visando a autonomia no processo decisório dos surdos candidatos a ingressantes.

Específicos

- Analisar as experiências de candidatos e estudantes surdos nos cursos da EPT do IF Fluminense *campus* Campos Centro.
- Identificar as barreiras comunicacionais encontradas pelo surdo durante o processo seletivo.
- Desenvolver e aplicar um produto educacional, na forma de guia didático de cursos, para o público surdo candidatos a ingressantes.
- Promover melhorias nos mecanismos de acessibilidade à informação institucional para a comunidade surda.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Profissional Tecnológica (EPT) é um pilar de cumprimento para a formação humana concebendo o trabalho como princípio educativo do cidadão. Segundo a lei nº 9394/96, a EPT é “uma modalidade educacional com a finalidade precípua de preparar para o exercício de profissões contribuindo para que o cidadão possa se inserir e atuar no mundo do trabalho e na vida em sociedade”.

Existe um longo processo nessa preparação para o exercício de profissões que, por vezes, são interrompidas por circunstâncias diversas que culminam no distanciamento da pessoa com a realidade encontrada no espaço profissional em que se pretende atuar. Desse modo, a desmotivação durante o curso pode ocorrer devido à expectativa não realista alimentada por informações equivocadas sobre determinado curso além das questões de acessibilidade para o surdo que, em sua maioria, desconhece as especificidades dos cursos. Nos seus estudos sobre evasão Bardagi (2005, p. 41) relata:

Formulações posteriores incorporam a importância do comportamento exploratório e da formação do autoconceito para a escolha profissional, uma vez que a obtenção de informações variadas e realistas sobre si mesmo e o mundo do trabalho permite uma articulação maior entre as dimensões pessoal e social da escolha e a tradução mais apurada da identidade em termos ocupacionais.

Em geral, os surdos não possuem informações suficientes sobre as áreas profissionais, uma vez que poucas dessas informações são traduzidas em Libras limitando o comportamento exploratório por eles acerca dessa temática. Dessa forma, acabam tomando escolhas, na maioria das vezes, com base na influência de outros sem considerar, aspectos de afinidade e conhecimento claro sobre a área.

Esse cenário é incompatível com os pressupostos da Educação Profissional Tecnológica (EPT) que tem como um de seus princípios norteadores a “observância às necessidades específicas das pessoas com deficiência, [...], gerando oportunidade de participação plena e efetiva em igualdade de condições no processo educacional e na sociedade” (Brasil, 2021).

Tem-se fundamental alinhamento de ideias no princípio da EPT com a lei 13.146/15 quando se trata das incumbências do poder público de assegurar e acompanhar o acesso “à educação profissional e tecnológica em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas”.

Vale destacar que a gênese do arcabouço teórico legal visto até hoje, parte da Constituição de 1988 que em seus artigos 206 e 208 trata da “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” na rede regular de ensino.

Dito isso, a formação omnilateral proposta pela EPT contempla um público diverso com necessidades educacionais específicas que, se não atendidas, permanecem vítimas das diferentes formas de exclusão e seletividade.

Dessa forma, é preciso entender que a história do surdo na educação revela algumas abordagens educacionais que trouxeram prejuízos na aprendizagem, mas que dentro do processo histórico permitiu evoluções, inclusive, consolidando medidas inclusivas asseguradas na legislação em nossos dias. Assim, cabe nesta pesquisa mencionar brevemente essa trajetória e como alguns desses aspectos são elucidados no produto educacional, em especial, no uso da Língua.

2.1 Breve relato sobre a Educação de Surdos

É possível perceber que a história do Surdo é marcada por altos e baixos na maneira em que eram tratados pela sociedade, ora reconhecidos como cidadãos ora vivendo na condição de marginalizados.

Em diferentes momentos e nações, quando viviam à margem da sociedade, os surdos sofriam opressão, tortura e abandono. Na China, muitos eram lançados ao mar; em Esparta onde o culto à perfeição era exacerbado, as famílias das pessoas com deficiência os escondiam e, por vezes, os surdos eram jogados do alto de penhascos (Strobel, 2009).

Entre alguns povos da Antiguidade, estes eram sacrificados em rituais ou tratados como “retardados”. Esse tratamento durou séculos num período compreendido da antiguidade à grande parte da Idade Média. Neste ínterim, os surdos eram desprovidos de direitos civis comuns peculiares à época (casar e ter propriedade), tampouco herdavam bens quando suas famílias tinham posse. No início do século XVI, as perspectivas educacionais voltadas para o aluno surdo apontavam para a necessidade de uma adequação ao mundo ouvinte. Havia um esforço em ensiná-los a falar e, também, de fazê-lo entender a língua oral que era, majoritariamente, falada pela sociedade em que viviam. Por isso, os educadores da época desenvolviam métodos e estratégias com objetivo de desenvolver a comunicação do surdo com o pensamento do meio ouvinte (Quadros, 2006; Strobel, 2009; Pereira *et al.*, 2011).

No período de 1760 a 1880, mudanças significativas acerca da educação dos surdos surgiram preconizadas na França por Charles Michel L'Épée. Com ele foi fundada a primeira escola para surdos com ampla utilização da Língua de Sinais Francesa.

[...] teve o mérito de reconhecê-la como língua, divulgá-la e valorizá-la, bem como mostrar que, mesmo sem falar, os surdos eram humanos. Outra grande contribuição de L'Épée foi o fato de passar a educação de surdos de individual para coletiva, não mais privilegiando os aristocratas, mas estendendo a possibilidade de educação para surdos de todas as classes sociais (Moores, 1996 apud Pereira *et al.*, 2011, p. 8).

Adaptando a língua de sinais usada pelos surdos pobres da França, L'Épée a combinava com a gramática da Língua Francesa. Logo, os alunos surdos passaram a ser alfabetizados através da língua de sinais numa estrutura de sinais metódicos elaborada por um educador ouvinte sensível às especificidades do educando. O método visual enfatizava a utilização do alfabeto manual, o uso dos sinais e da escrita na educação dos surdos. Muitos professores surdos formados na escola de L'Épée foram precursores na educação de surdos em outros países, trazendo resultados notáveis sob o aspecto social, cognitivo e educacional (Pereira *et al.*, 2011; Strobel, 2018).

Além dos limites da França, outros educadores realizaram, também, trabalhos com alunos surdos como o espanhol Pedro Ponce de Leon (1520 – 1584), Juan Pablo Bonet (1573 – 1633), o inglês John Bulwer (1606 -1656) e o alemão Samuel Heinicke (1727 -1790). Alguns destes, apesar do empenho em alfabetizar, primavam por métodos orais onde a surdez era encarada numa perspectiva clínica (Pereira *et al.*, 2011, Fernandes; Reis, 2020).

Com o avanço na compreensão do sujeito surdo, o século XVIII ganhou notoriedade com o surgimento de várias escolas para alunos surdos. Nesse momento, a língua de sinais passou a ser preponderante, na comunicação dos alunos surdos com qualquer interlocutor e sua inserção em novos espaços consolidaram conquistas no campo profissional e social. No entanto, em 1880, no II Congresso Internacional de Educação de Surdos em Milão, um retrocesso no campo da educação voltada para os surdos aconteceu. Nesse evento que contava com a participação de 164 delegados, onde 122 eram ouvintes, decidiram em sua maioria pelo estabelecimento dos métodos oralistas nas escolas. O cenário descrito pela autora Strobel (2009, p. 27) foi o seguinte:

[...] a língua de sinais foi proibida oficialmente, alegando que a mesma destruíra a capacidade da fala dos surdos, argumentando que os surdos são “preguiçosos” para falar, preferindo a usar a língua de sinais. O Alexander Graham Bell teve grande influência neste congresso. Este congresso foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo puro (a maioria já havia empenhado muito antes de congresso em fazer prevalecer o método

oral puro no ensino dos surdos). Na ocasião de votação na assembleia geral realizada no congresso todos os professores surdos foram negados o direito de votar e excluídos, dos 164 representantes presentes ouvintes, apenas 5 dos Estados Unidos votaram contra o oralismo puro.

Logo, as resoluções deste congresso se espalharam pelas escolas da Europa e América Latina. A figura do professor Surdo, agente perpetuador da identidade e cultura surda, dava lugar ao docente ouvinte com práticas educacionais vinculadas ao oralismo. O uso da língua de sinais nas escolas foi proibido; os surdos que insistiam em comunicar-se através de uma língua de sinais eram castigados; acreditava-se que a língua de sinais atrapalhava o desenvolvimento da oralização do surdo. Os esforços centravam-se em desenvolver a fala e a escrita num modelo estrutural educacional baseado no ouvir e no falar (Sacks, 2010).

Todas essas medidas trouxeram graves reflexos no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Muitos apresentaram baixo rendimento escolar culminando em abandono. O que se observava era um espaço de ensino descaracterizado pelas práticas clínicas de oralização. Segundo Pereira, “o ensino da fala tirava da escola para surdos um tempo precioso que deveria ser gasto em conhecimento de mundo e conteúdos escolares” (Pereira *et al.*, 2011, p. 11).

Diante da frustração do oralismo, surge na década de 1970 o que parecia uma abordagem que atenderia à necessidade do aluno surdo: a Comunicação Total. Com o intuito de viabilizar a comunicação, usando todo tipo de estratégia, essa abordagem aglutinava tendências do oralismo com o uso da língua de sinais. Segundo a descrição de Santana (2007, p. 180):

A comunicação total não exclui recursos e técnicas para a estimulação auditiva – abrange a adaptação de aparelho de amplificação sonora individual, a leitura labial, a oralização, a leitura labial, a oralização, a leitura e a escrita. [...] Seja por meio da linguagem oral, seja pela língua de sinais, seja pela datilologia, seja pela combinação desses modos, deve-se priorizar a comunicação.

Não demorou muito para surgirem questionamentos dessa abordagem e suas práticas. Havia muita ênfase na interação de surdos com ouvintes, mas pouca valorização da língua de sinais e sua estrutura linguística (Santana, 2007).

Como havia demasiada preocupação sobre o que se dizia, não importando a forma, logo a construção linguística se tornava superficial. Com base nas considerações de Damázio (2007, p. 19) acerca dos resultados da comunicação total, tem-se:

Os resultados obtidos de acordo com essa concepção são questionáveis, quando observamos as pessoas com surdez frente aos desafios da vida cotidiana. A linguagem gestual, os textos orais, os textos escritos e as interações sociais parecem não possibilitar um desenvolvimento satisfatório e esses alunos continuam segregados, permanecendo em seus guetos, ou seja, marginalizados, excluídos do contexto maior da sociedade.

Na década de 80, havia por parte da comunidade dos Surdos um sentimento latente de trazer para a educação uma marca identitária que levasse em consideração o reconhecimento da língua e todos os outros aspectos inerentes à cultura surda. É nessa esteira que surge o enfoque educacional que perdura até a atualidade, o bilinguismo. Segundo Pereira et al. (2011, p. 15):

O reconhecimento de que a língua de sinais possibilita o desenvolvimento das pessoas surdas em todos os seus aspectos, somado à reivindicação das comunidades de Surdos quanto à adoção da língua de sinais na educação, tem levado, nos últimos anos, muitas instituições a adotar um modelo bilíngue na educação dos alunos surdos. Nesse modelo, a primeira língua é a de sinais (que, por ser visual, é mais acessível aos alunos surdos), que dá o arcabouço para o aprendizado da segunda língua (preferencialmente na modalidade escrita, também por ser visual).

De fato, o bilinguismo é a materialização do protagonismo Surdo a uma educação capaz de acolher legitimamente minorias com cultura e especificidades linguísticas ímpares. Vale ressaltar que essa minoria ocupa importante espaço na comunidade científica na fomentação de estudos e pesquisas. O próprio reconhecimento da língua de sinais pelo campo da linguística aconteceu pelo aprofundamento dos trabalhos do professor William Stokoe que, em 1960, identificou regras linguísticas e estruturadas nos níveis lexicais, morfológicos, sintáticos e semânticos equiparados a sistemas linguísticos das línguas orais (Machado, 2017).

Para além da língua, a trajetória educacional percorrida pelo Surdo ratifica a relevância do olhar histórico para mais avanços nos níveis acadêmicos. Dessa forma, é legítimo pensar que muitas outras etapas que envolvem a Educação devem ser analisadas quando se pretende atender de maneira mais equânime a pluralidade encontrada no âmbito da educação. Com base nos pressupostos da TAS é possível relacionar o processo decisório de um curso com aprendizagem e permanência.

2.2 Escolhas à luz da Teoria de Aprendizagem Significativa (TAS) de Ausubel

O espaço da sala de aula é o lugar mais comum para implementar ações vinculadas as teorias de aprendizagem. Em geral, os atores envolvidos, professor-aluno e suas relações, são os objetos de estudo a fim de entender como ocorrem os processos de ensino-aprendizagem. Entretanto, é possível identificar o alcance da Teoria de Aprendizagem Significativa (TAS) em espaços não-formais e na construção de recursos educacionais que permitem ao estudante agregar novas informações ao seu conhecimento prévio.

É recorrente o interesse de um surdo em realizar um curso técnico. Em alguns casos, ele não sabe exatamente a área que deseja seguir, provavelmente tenha ciência de sua aptidão em certas áreas do saber, porém não consegue relacionar as atividades-fim relativas à formação daquele curso. O que o surdo sabe sobre o curso? Há novas informações que poderiam ser acrescentadas ao conhecimento que o surdo tem sobre a área para proporcionar-lhe mais segurança?

Segundo Moreira e Masini (2006, p. 17-21), “Para Ausubel, aprendizagem significativa é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura do conhecimento do indivíduo”. Vale ressaltar que a informação é um dado interpretado, logo, para o sujeito surdo assimilar e integrar essa nova informação à sua estrutura de conhecimento necessita ser em língua de sinais, se assim houver o devido domínio. Além da informação estar de acordo com a língua do receptor, ela precisa ter significado para potencializar o processo de aprendizagem.

De fato, a aprendizagem não ocorre apenas considerando que um produto educacional com informação em Libras possa auxiliar na escolha de um curso. Assim, é notório considerar que um produto educacional pode contribuir para modificar uma estrutura cognitiva com novos elementos informacionais. Pode-se dizer que atuam como organizadores prévios uma vez que funcionam como ponto de partida na compreensão (mesmo que numa visão geral) das principais características de um determinado curso. De acordo com Moreira e Masini (2006, p. 12)

A principal função do organizador prévio é a de servir de ponte entre o que o aprendiz já sabe e o que ele deve saber, a fim de que o material seja aprendido de forma significativa. Ou seja, os organizadores prévios são úteis para facilitar a aprendizagem na medida em que funcionam como “pontes cognitivas”.

Dessa forma, o surdo pode levar consigo uma ideia muito superficial ou até equivocada sobre a proposta e as áreas de atuação profissional de um curso técnico. Por sua vez, esta visão pode sofrer modificações a partir dos gatilhos impulsionados por um produto educacional mediador.

Na prática, o usuário surdo preencherá um questionário, traduzido em Libras, objetivando autoconhecimento e clareza na definição de critérios para a escolha de um curso. Através do guia, serão disponibilizados vídeos curtos apresentando o perfil profissional e a área de atuação. Desse modo, através do exercício de autoanálise, intenciona-se confrontar o próprio perfil com as características dos cursos ofertados pelo campus, promovendo maior autonomia e segurança na tomada de decisão.

Porém, se o estudante não carrega consigo qualquer existência prévia de conceitos de ancoragem a respeito de um determinado curso, como acontecerá a interação da nova informação com a estrutura cognitiva? De acordo com Moreira e Masini (2006, p. 21-22):

Uma resposta plausível é que a aprendizagem mecânica é sempre necessária quando um indivíduo adquire informação numa área de conhecimento completamente nova para ele. Isto é, a aprendizagem mecânica ocorre até que alguns elementos de conhecimento, relevantes a novas informações na mesma área, existam na estrutura cognitiva e possam servir de subsunçores, ainda que pouco elaborados. À medida que a aprendizagem começa a ser significativa, esses subsunçores vão ficando cada vez mais elaborados e mais capazes de ancorar novas informações.

Cabe lembrar que o aprofundamento de conceitos acontecerá durante o processo de formação do cursista. O próprio processo de assimilação nos permite enxergar o momento pré-curso como a ocasião em que o indivíduo pode ter um conceito geral para depois, durante o curso, acontecer a reestruturação cognitiva dinâmica. Assim, os subsunçores (ideia-âncora) cumprirão o papel de conexão aos novos conceitos e, por isso, também sofrerão modificações.

Além de fundamentar-se na perspectiva Ausubeliana, a respectiva pesquisa pauta-se no arcabouço legal que pavimenta as medidas de acessibilidade principalmente no âmbito institucional.

2.3 Bases legais na implementação de acessibilidade

Atualmente, o surdo é contemplado por inúmeros amparos legais que legitimam a oferta de educação especializada. A priori, deve-se considerar o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como “meio legal de comunicação e expressão dos surdos” através da lei 10.436/02. Essa legalização corroborou para a cristalização da cultura e identidade surda, abrindo precedente para muitas discussões no espaço da Educação, principalmente no que diz respeito à garantia de atendimento adequado. Esta lei afirma que as instituições públicas e as concessionárias de serviço público de assistência à saúde “devem garantir atendimento e tratamento adequado às pessoas surdas e com deficiência auditiva, de acordo com as normas legais vigentes” (Brasil, 2002).

É oportuno dizer que a Lei 13.146/15 que, dentre diversas medidas acerca da acessibilidade, garante a “tradução completa do edital e de suas retificações em Libras” nos processos seletivos para ingresso e permanência nos cursos oferecidos pelas Instituições de Ensino Superior. Assim, nesse sentido, atender as medidas asseguradas por lei se torna uma obrigação coletiva cujas ações perpassam o espaço dos NAPNE's.

O Decreto 5626/05 também foi outra grande vitória da comunidade surda. Esse documento foi construído com participação da comunidade surda em várias discussões que antecederam o texto final do decreto, contribuindo para o estabelecimento de um novo modelo educacional para o aluno surdo.

[...] o texto do Decreto nº 5.626/05 dispõe sobre os processos educacionais específicos das pessoas surdas. Enfatiza a necessidade de implantação da educação bilíngue para esses alunos e, a fim de que essa proposta seja efetivada, estabelece como deve ser a formação dos profissionais para atuarem junto a esses estudantes (Lodi, 2013, p.5).

Novamente é percebida uma marca da comunidade surda nesse processo decisório. Dessa vez, uma retomada da educação bilíngue como a mais adequada para o Surdo, é feita com um adendo: a formação dos profissionais que atuarão na consolidação da mesma. Dessa forma, surgiu a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de graduação e no curso de fonoaudiologia; a formação e certificação de profissionais que atuam juntamente com o surdo, em especial os intérpretes e instrutores de Libras; e o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita de acordo com as proposições do bilinguismo (Lodi, 2013).

De acordo com a Declaração de Salamanca “qualquer pessoa portadora de deficiência tem o direito de expressar seus desejos com relação à sua educação” (UNESCO, 1994). Com essas palavras, são reiterados os pilares para o processo de inclusão escolar que começa antes do efetivo ingresso na escola. O “direito de expressar seus desejos” depende da acessibilidade nas informações para, de fato, exercer seu direito de decisão plena.

Ao encontro dessa lógica, o Programa de Acessibilidade Educacional do IF Fluminense, dentro de suas diretrizes, afirma que: “No que se refere às necessidades educacionais específicas, o IF Fluminense procurará mecanismos que possibilitem a comunicação, o acesso e o uso da informação de forma irrestrita, tornando o estudante capaz de gerar e receber informações de forma autônoma, possibilitando sua plena formação” (IFFLUMINENSE, 2018).

O produto educacional proposto nesta dissertação seguiu os parâmetros das Tecnologias Assistivas (TA) a qual “é uma área de conhecimento interdisciplinar que compreende múltiplas possibilidades que objetivam diminuir barreiras e proporcionar/ampliar as habilidades funcionais de uma pessoa com deficiência” (Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2009). Assim, a TA não é apenas tecnologia digital, ela abrange estratégias, metodologias, produtos e recursos que promovam autonomia (Bersch, 2017).

No IF Fluminense, o programa de acessibilidade corrobora com a importância da utilização da TA no atendimento a toda comunidade. Nele consta: “Os campi deverão incentivar

a pesquisa, produção, desenvolvimento e a extensão na área de tecnologia assistiva, a fim de ampliar as possibilidades de inovação e atendimento dentro e fora da instituição” (IFFLUMINENSE, 2018).

Algumas TA são identificadas nos processos seletivos organizados no âmbito do IF Fluminense. Durante o processo de inscrição dos candidatos, é possível a solicitação do atendimento especial cuja análise passa por uma comissão que direciona as estratégias e os recursos adequados para a realização da prova.

Com o objetivo de lançar luz ao desenvolvimento das TA, foi instituído pela portaria nº 142, o Comitê de Ajudas Técnicas (CAT) conforme estabelecido pelo Decreto nº 5.296/2004 no âmbito da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (Brasil, 2009, p. 10).

O presente trabalho foi desenvolvido pelas Comissões Temáticas do CAT, constituídas por especialistas e representantes governamentais, os quais se empenharam em elaborar um documento com diretrizes básicas desse campo do conhecimento, incluindo a apresentação dos estudos desenvolvidos pelo Comitê para complementar e aperfeiçoar a regulamentação de tecnologia Assistiva no país. O intuito é difundir a Tecnologia Assistiva junto às instituições de ensino, organizações de e para pessoas com deficiência, conselhos de direitos, órgãos governamentais, profissionais de saúde, educação, desenho industrial, engenharia, tecnologia da informação, entre outras pessoas interessadas no tema.

Os trabalhos organizados pelo comitê têm norteado muitas ações pautadas no suporte à pessoa com deficiência. Dessa forma, pelo produto educacional proposto se enquadrar ao conceito de Tecnologia Assistiva pretende-se seguir as diretrizes estabelecidas pelo CAT seguindo suas bases conceituais quanto a área de conhecimento, interdisciplinaridade, objetivo e composição.

Apesar do embasamento pautado na trajetória histórica da educação dos surdos, das conquistas legais e dos parâmetros técnicos na materialização de um produto educacional, demanda-se ainda necessária investigação metodológica que corrobore com o objetivo traçado.

3 METODOLOGIA

A partir da minha experiência profissional surgiram as primeiras percepções que indicavam os possíveis motivos da evasão escolar por parte dos estudantes surdos. Estes entendimentos aconteciam durante conversas informais onde o estudante, em tom de desabafo, apontava as questões implícitas a sua desmotivação. É verdade que apenas estes acontecimentos e observações não seriam suficientes para entender toda a conjuntura, tampouco desenhar um produto educacional capaz de trazer alguma experiência de aprendizagem.

Em referência aos elementos fundamentais na construção de um produto educacional, Kaplún (2012) recorda a importância de conhecer o público que será beneficiado. Isso vai permitir desenvolver “as ideias construtoras” do destinatário, ou seja, identificar o conhecimento prévio do sujeito e fazer as adequações necessárias do projeto para melhor atendê-lo. Segundo ele,

Para a pesquisa sobre as ideias construtoras dos destinatários podem existir muitos caminhos sistemáticos, mas no mínimo, é preciso conversar sobre o tema com os sujeitos que serão, potencialmente, usuários do material. Às vezes, bastará apenas recordar algumas conversas que já tenham feito com alguns deles anteriormente. Em qualquer caso, será muito conveniente, na hora da resenha, expressar as ideias o mais fielmente possível, segundo a maneira que os próprios sujeitos o fizeram (Kaplún, 2003, p. 50).

De fato, a ideia de desenvolver um guia didático acessível para cursos técnicos legitima-se pelos desafios provenientes das barreiras atitudinais uma vez que, em geral, existem guias sobre os cursos à disposição dos interessados. Para tal, se fez necessário investigar através da literatura científica o que já foi produzido e como pode estar relacionada a realidade enfrentada pelo campus Campos Centro do IF Fluminense. Assim, a respectiva pesquisa se pauta inicialmente em revisões bibliográficas, documentais de ordem exploratórias para obtenção de dados sobre o ingresso do surdo na EPT, acessibilidade e evasão, relação de acesso e permanência, vocação e escolhas autônomas.

À luz dos pressupostos científicos, para compreender melhor um fenômeno e identificar as razões que levaram a determinadas consequências é necessário seguir diretrizes científicas sólidas. Para Laville (1999) a metodologia “representa mais do que uma descrição formal dos métodos e técnicas e indica a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico”.

Neste sentido, a trajetória metodológica deste trabalho se baseia numa pesquisa de natureza aplicada cujo objetivo será o de desenvolver um produto educacional de acordo com as necessidades do público-alvo.

Para a coleta dos dados primários, o enfoque é uma pesquisa de campo aplicando entrevistas com candidatos que não foram aprovados no processo seletivo, estudantes evadidos e os que estão em atividade no campus Campos-Centro, levando em consideração o histórico de estudantes surdos que por lá passaram e a aproximação que a comunidade surda local tem com o Instituto.

Essas entrevistas aconteceram no campus Campos Centro de maneira presencial ou através de videochamadas no NAPNE. Foi intencionado com isso, fazer um levantamento capaz de identificar possíveis causas de evasão ou até insatisfação (mesmo para os que já concluíram). Considerando que as perguntas de uma entrevista semiestruturada abordam questões gerais e específicas, compreendeu-se a necessidade de elaborar um roteiro conforme apresentado na Tabela 1 (Minayo, 2010).

Tabela 1 - Roteiro de entrevista a ser realizada com o público da pesquisa

ROTEIRO DA ENTREVISTA	
1º	De que maneira veio a conhecer o IF Fluminense?
2º	Conhece os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?
3º	Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de escolha do curso?
4º	As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?
5º	Conhece o site do IFF?
6º	Alguém o (a) ajudou na inscrição?
7º	Qual curso você escolheu?
8º	Por que escolheu este curso?
9º	O que sabe sobre o curso escolhido?
10º	Quais são as atividades que normalmente os profissionais formados nessa área realizam?
11º	Que atividade-fim vislumbra realizar com o respectivo curso?
12º	Se já realizou algum curso no IFF, ele correspondeu às expectativas?
13º	Caso tenha evadido, qual foi o motivo?
14º	Gostaria de tentar outro curso?

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

3.1 Levantamento preliminar

Devido às primeiras contratações de intérpretes de Libras e aos incentivos à comunidade surda para participar dos processos seletivos ocorrerem entre os anos de 2016 a 2020, a respectiva pesquisa compreendeu tal período, excetuando-se os anos de 2021 e 2022 em razão da excepcionalidade da pandemia, não havendo inscritos para a realização do processo.

Dessa forma, para nortear o levantamento será considerado a sequência de Gil (2010)

- a) Especificação dos objetivos;
- b) Operacionalização dos conceitos e variáveis;
- c) Elaboração do instrumento de coleta de dados;
- d) Pré-teste do instrumento;
- e) Seleção da amostra;
- f) Coleta e verificação dos dados;
- g) Análise e interpretação dos dados.

Em princípio, os dados levantados através do NAPNE *campus* Campos Centro permitiu identificar algumas informações significativas acerca do problema estudado conforme a Tabela 2.

Tabela 2 - Dados referentes à participação de surdos nos processos seletivos

Ano do processo seletivo	Quantidade de candidatos	Cursos pretendidos	Aprovados	Concluintes	Evadidos
2016	4	Informática (2), Mecânica (1), Eletrotécnica (1)	1	1	0
2017	6	Informática (4), Mecânica (2)	4	1	3
2018	5	Informática (3), Mecânica (1), Eletrotécnica- PROEJA (1)	2	0	2
2019	1	Informática	0	0	0

2020	3	Informática (2), Mecânica (1)	0	0	0
------	---	----------------------------------	---	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

A partir dos dados preliminares levantados, observou-se que no período de 2016 a 2020 apenas sete foram aprovados no total de dezenove candidatos. Além disso, cinco evadiram e somente dois concluíram seus respectivos cursos. O elevado número de não aprovados pode indicar sérios obstáculos no acesso às informações institucionais relativas ao processo seletivo de modo a influenciar no desempenho das provas. Atualmente, *o campus* Campos Centro tem apenas um surdo cursando Técnico, sendo este no Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja).

Mesmo com esses dados preliminares, o aprofundamento da pesquisa através das entrevistas ocorre em três momentos específicos: um voltado para os que não foram aprovados, outro para os que iniciaram o curso, mas por algum motivo evadiram e ainda aqueles que cursaram e conseguiram concluir.

Os dados obtidos a partir do levantamento de dados apontam para uma necessidade de maior investigação. Na Tabela 2, é possível constatar ampla procura pelo curso Técnico de Informática e Mecânica. Quais são os fatores que influenciaram amplamente a escolha por esses cursos? Isso tem relação com a evasão?

Sob o aspecto observacional é comum entre vários grupos de surdos, um de seus membros ser mais influente devido seu domínio da língua de sinais e protagonismo acadêmico. Em algumas situações, o surdo protagonista exerce uma liderança nata sobre a comunidade de tal forma que os demais passam a seguir os mesmos passos. Através de um estudo de caso, intenciona-se compreender os fatores que influenciam a tomada de decisões acerca da escolha do curso Técnico visto que o contexto apresentado pode indicar um fenômeno. Sobre esse método, Fachin (2003, p. 43) relata: “Sua principal função é a explicação sistemática das coisas (fatos) que ocorrem no contexto social e geralmente se relacionam com uma multiplicidade de variáveis”.

Sobre as peculiaridades dessa abordagem investigativa, Gil (2010, p. 122) relata que sua “[...] análise e interpretação é um processo que nos estudos de caso se dá simultaneamente à sua coleta. A análise se inicia com a primeira entrevista, a primeira observação é a primeira leitura de um documento”. Apesar das investigações estarem direcionadas a um grupo

específico (surdos), temos casos múltiplos que podem indicar motivos diferentes na escolha do curso.

Uma vez identificadas as questões que envolvem as barreiras comunicacionais, os registros escritos (anotações) da observação sistemática alinhada com as entrevistas permitirão confrontar com os estudos bibliográficos e documentais acerca da área pesquisada. Para Marconi e Lakatos (1999, p. 92), “na observação sistemática o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação; deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe”.

Como aspecto da natureza qualitativa da pesquisa, busca-se compreender o comportamento e os critérios apresentados pelo grupo investigado na participação do processo seletivo. Para ampliação dessa pesquisa, seguirá como instrumento de coleta de dados a utilização de entrevistas e análises documentais (O’Leary, 2019).

Segundo Goldenberg (2009, p. 62),

A escolha de trabalhar com dados estatísticos ou com um único grupo ou indivíduo, ou com ambos, depende das questões levantadas e dos problemas que se quer responder. É o processo da pesquisa que qualifica as técnicas e os procedimentos necessários para as respostas que se quer alcançar.

Enxergar a realidade de um determinado fenômeno social perpassa aos limites intrínsecos a apenas uma linha metodológica. O conhecimento aprofundado do problema requer uma sustentação para além da generalização, isto é, depende também da observação de fatores individuais (Goldenberg, 2009).

É nesse contexto que serão reunidos elementos preponderantes elucidados pela pesquisa para o desenvolvimento do produto educacional. Através do eixo conceitual, pedagógico e comunicacional serão elaborados os mecanismos que contribuam para a autonomia do público analisado.

3.2 Estudo de Caso

Dada as diferentes circunstâncias dos entrevistados frente ao processo seletivo, tal método de investigação caracteriza-se por um estudo de caso múltiplo abarcando não somente estudantes que evadiram, mas todos que participaram do processo seletivo e vivenciaram as etapas cuja pesquisa busca compreender determinadas questões. Segundo Yin (2010, p. 83)

O projeto de casos múltiplos mais simples seria a seleção de dois ou mais casos considerados replicações literais, como um conjunto de casos com resultados

exemplares em relação a algumas questões de avaliação[...] a seleção de tais casos exige conhecimento anterior dos resultados, com a investigação de casos múltiplos concentrada em como e por que os resultados exemplares podem ter ocorrido e com a esperança de replicações literais (ou diretas) dessas condições de caso para caso.

A primeira unidade-caso compreende a acessibilidade comunicacional do processo seletivo cuja investigação envolve todos os entrevistados. Por sua vez, a segunda unidade-caso é limitada apenas aos que foram aprovados, contudo, por algum motivo, evadiram dos seus cursos. O objetivo desse segundo caso é averiguar se há alguma relação de acessibilidade com a evasão do entrevistado. Por último, a unidade-caso voltada aos que concluíram busca explorar a relação da acessibilidade durante o processo seletivo e a expectativa antes do ingresso com a realidade encontrada no curso.

No Apêndice A, seguem as transcrições das entrevistas realizadas para a coleta de dados e aprofundamento da pesquisa. Em cumprimento ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a entrevista (TCLE) a identidade de todos os participantes será preservada, logo, seus nomes não serão apresentados, sendo substituídos por letras aleatórias.

Quando se verificam os dados extraídos das entrevistas sobre as barreiras encontradas no acesso às informações dos cursos técnicos ofertados pelo IF Fluminense, são encontradas similaridades nos resultados de pesquisas realizadas por Costa e Campos (2000), Gaioso (2005) e Dore (2013). Tais autores destacam os motivos da evasão escolar, incluindo os de ordem individual onde a escolha do curso é incompatível com as expectativas iniciais.

Por ser membro da equipe profissional que atua diretamente com a acessibilidade do campus Campos Centro, este pesquisador traz consigo elementos prévios que apontam necessidades de aprimoramento na acessibilidade comunicacional com base na legislação brasileira. Este conhecimento é balizador na definição de determinados critérios no que tange a observação sistemática. Todavia, no decorrer da pesquisa, este observador também é participante, visto que se integra no espaço em estudo (campus Campos Centro) bem como participa do dia a dia dos surdos que realizam o processo seletivo.

De acordo com Yin (2010, p. 138), “A observação participante é uma modalidade especial de observação na qual você não é simplesmente um observador passivo. Em vez disso, você pode assumir vários papéis na situação de estudo de caso e participar realmente nos eventos sendo estudados”.

É relevante ressaltar que a investigação do pesquisador não se encerra com o término do processo seletivo, pois a análise persiste, independentemente de o desfecho ser evasão ou conclusão. Entretanto, é fundamental esclarecer que, na qualidade de pesquisador participante,

o escopo da pesquisa não abarca o acompanhamento de todo esse ciclo com os participantes, mas se concentra na análise das diferentes etapas do processo.

O produto educacional proposto por esta pesquisa, levou em consideração diversas demandas educacionais relativas ao surdo conforme identificado nas entrevistas e observações da pesquisa.

3.3 Coleta e Análise de dados

Os instrumentos de coleta de dados são ferramentas essenciais para obter informações e evidências relevantes das questões investigadas pelo pesquisador. Para a presente pesquisa são utilizadas análises documentais, registros de observação e entrevistas. A triangulação desses métodos de aquisição de informações permitiu avaliar se há um fenômeno ou um padrão de comportamento diante das questões da pesquisa. Com isso, o objetivo foi fortalecer o processo de investigação, de modo a evitar distorções nas interpretações dos fatos (GIL, 2010).

Como ponto de partida, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a concepção da EPT e suas características como modalidade educacional, as diferentes abordagens educacionais ao longo da história da Educação de Surdos, os pressupostos da TAS na assimilação de novas informações integradas ao processo de conhecimento do surdo, e os princípios legais relacionados à acessibilidade aos canais de comunicação, especialmente com o desenvolvimento de uma Tecnologia Assistiva.

A consulta sobre os assuntos citados aconteceu no acervo da Biblioteca Anton Dakitsch localizada no IF Fluminense campus Campos Centro e na base de dados do Google Scholar, Centro de Documentação Digital do IF Fluminense, Observatório do ProfEPT e no Portal de Periódico da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Por meio dessas ferramentas foi possível encontrar teses, livros, dissertações e artigos acadêmicos pertinentes aos tópicos em estudo.

A análise documental, como fundamento para a pesquisa, proporciona uma compreensão mais profunda do contexto e das diversas partes interessadas envolvidas no objeto de estudo. Ainda que com perspectivas distintas, outros pesquisadores já documentaram estudos que pavimentam a produção de novos conhecimentos. De acordo com O' Leary (2019, p. 127) "A produção de novo conhecimento depende essencialmente do conhecimento anterior. O conhecimento acumula-se e é impossível os pesquisadores contribuírem para um corpo de literatura se não estiverem familiarizados com ele."

Nesse sentido, a pesquisa documental foi baseada nos seguintes pontos:

- Reflexões no processo histórico da Educação de Surdos,
- Análise do Programa de Acessibilidade Educacional do IF Fluminense e do aparato legal que assegura os direitos da pessoa com deficiência.
- Estudo sobre o emprego da TA em sítios educacionais.

Dado que a pesquisa se concentra na redução de barreiras comunicacionais para a comunidade surda, o foco foi a busca de documentos originários de autores surdos, como Strobel (2009) e Karnopp (2009). Não obstante, não deixaram de ser considerados outros pesquisadores renomados cujos estudos na área da surdez são amplamente reconhecidos, como Quadros (2006) e Machado (2017).

Em relação às entrevistas, segundo Gil (2010, p.105) “A estratégia para a realização de entrevistas em levantamentos deve considerar duas etapas fundamentais: a especificação dos dados que se pretendem obter e a escolha e formulação das perguntas”. Para obter informações sobre os obstáculos encontrados pelos surdos e os impactos resultantes em seu desempenho acadêmico, foi imprescindível conduzir entrevistas que permitissem investigar as respostas de cada entrevistado diante das circunstâncias envolvidas. Portanto, foi fundamental formular perguntas tanto gerais quanto específicas para identificar problemáticas acerca da acessibilidade no Instituto, bem como as necessidades individuais dos surdos.

A escolha pela entrevista semiestruturada vai ao encontro da explanação de Marconi e Lakatos (2006, p. 279) “quando o entrevistador tem a liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de explorar mais amplamente a questão”. O roteiro de perguntas não rígido foi elaborado previamente com o objetivo de ser assertivo na obtenção de dados sobre o processo seletivo e as etapas circunscritas a ele. A preparação permitiu pensar em estratégias que não tornasse tendenciosa as perguntas e seu processo de interpretação em Libras. Além disso, a flexibilidade nas entrevistas permitiu ajustar as perguntas de acordo com a compreensão do entrevistado sobre o processo seletivo somado ao domínio da Libras.

Consoante as entrevistas, a observação foi outro método utilizado para conseguir verificar a acessibilidade nos canais de comunicação do IF Fluminense campus Campos Centro. Para Marconi e Lakatos (2006, p. 275), “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações utilizando os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver ou ouvir, mas também em examinar os fatos ou fenômenos que deseja estudar”.

A gravação das entrevistas possibilitou a observação do comportamento e das reações dos surdos ao responderem às perguntas. É notável que as expressões faciais e corporais são

evidentes na comunicação dos surdos uma vez que faz parte do parâmetro da língua. Dessa forma, a intensidade em que se colocava determinadas declarações tornou possível perceber o grau de satisfação, incômodo entre outros sentimentos relevantes para compreender a realidade encontrada por esse público.

A condição de observador participante foi outro aspecto que viabilizou o processo de observação. Segundo Gil (2010, p. 129), “a observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. Assim as informações que obtém dependem do comportamento do pesquisador e das relações que desenvolve com o grupo pesquisado”.

O conforto demonstrado pela maioria dos entrevistados em externar suas opiniões se dá ao fato de conhecer o pesquisador oriundo da atuação profissional exercida na comunidade surda. Desse modo, devido a essa relativa familiaridade, foi importante estabelecer critérios no planejamento das observações, a fim de evitar influenciar o processo de tradução com informações não mencionadas pelos entrevistados.

O critério principal foi o ajuste para perguntas mais concisas quando o respondente era um pouco mais tímido ou apresentava pouca fluência na língua de Sinais. Esta estratégia não deixou espaço para interpretações ambíguas, além disso, o registro de gravações permitiu observar repetidas vezes a intenção do surdo em sua resposta. É importante destacar que, para a realização das gravações das entrevistas, os participantes manifestaram consentimento por meio da assinatura do termo de autorização de uso de imagem (Apêndice C).

Por fim, as observações foram registradas na forma de notas de campo obtidas em dois momentos distintos: durante as entrevistas realizadas no NAPNE e após entrevistas virtuais por meio do aplicativo Zoom.

Como processo consoante a tradução das entrevistas, a análise do discurso foi o método utilizado para interpretar e compreender os dados coletados. Segundo Orlandi (2015, p. 13):

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Esta construção analítica parte da observação de vários elementos fundamentais para compreender o sujeito e a realidade vivida no cerne da EPT. O primeiro aspecto analisado é o lastro histórico carregado pelo surdo que explica a realidade educacional encontrada nos dias atuais. Nesta dimensão de estudo, é fundamental conhecer o papel que a língua exerce como protagonista no desdobramento da pesquisa e na relação entre sujeito e situação.

O segundo aspecto da análise do discurso consistiu em contextualizar as declarações dos participantes de acordo com o nicho cultural, social e político a fim de aprofundar o conhecimento sobre as influências que moldam as falas dos entrevistados. É possível perceber que nesta fase de investigação se identifica a atitude e posicionamento dos sujeitos em relação à acessibilidade, tal como esclarecer ambiguidades ou contradições observadas durante a coleta de dados (Orlandi, 2015).

No que tange às particularidades da comunicação por meio da língua de sinais, a busca foi explorar o comportamento através das expressões faciais e examinar o processo de significação dentro padrão linguístico apresentado pelos entrevistados. Segundo Brandão (2012, p. 42) “os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso e a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos do sentido”.

Cabe lembrar que antes de proceder à coleta e interpretação dos dados foi necessário determinar os espaços da entrevista e delimitar o perfil dos entrevistados que passaram pelo instituto. Portanto, a descrição do espaço e os protocolos adotados para o atendimento do surdo cumpriram uma importante etapa da pesquisa.

3.4 Lócus e sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa foi conduzida no *campus* Campos Centro do IFFluminense devido à sua notoriedade na Educação Profissional Tecnológica e à expressiva demanda por parte do público surdo. Apesar da pesquisa ser delimitada aos aspectos relacionados ao curso Técnico, é importante ressaltar que o Instituto oferece uma ampla gama de cursos, incluindo programas de graduação e pós-graduação.

As entrevistas presenciais foram realizadas no NAPNE, um espaço conhecido por todos entrevistados, já que é comumente utilizado para diversos atendimentos à pessoa com deficiência. É também o local onde os profissionais em atendimento educacional especializado estão concentrados e onde atua o presente pesquisador. Em cada entrevista, os surdos foram encaminhados para a sala de monitorias dentro do setor, que está equipada com uma mesa e oferece um ambiente espaçoso com baixa suscetibilidade a ruídos que poderiam distrair o entrevistador na condução da entrevista. A gravação das entrevistas foi realizada por meio de um notebook, capturando tanto o entrevistador quanto o entrevistado no enquadramento da câmera.

O NAPNE cumpre um papel estratégico na implementação de medidas de acessibilidade do campus Centro. Devido a sua articulação com outros setores e Instituições, o NAPNE

trabalha para garantir o direito à educação inclusiva e de qualidade para as pessoas com necessidades específicas, reduzindo/removendo barreiras e promovendo o suporte adequado para que estes estudantes possam plenamente se desenvolver e participar ativamente da vida acadêmica e social do instituto (IFFluminense, 2018).

Dado o seu caráter acolhedor e mediador, muitos dos entrevistados, independentemente de ainda possuírem vínculo com a instituição ou não, continuam frequentando o espaço do NAPNE, isso facilitou o contato e possibilitou que fossem convidados a participar da pesquisa. Em relação aos entrevistados, um deles está atualmente matriculado em um curso superior, outro está cursando o curso técnico em Automação, enquanto os demais continuam a manter contato seja para participar de atividades de extensão promovidos pelo setor, seja para buscar informações sobre os novos processos seletivos. Além disso, uma parte dos entrevistados, em especial aqueles que tiveram suas entrevistas por videoconferência, optaram por esse método devido à impossibilidade de comparecer presencialmente para a realização das entrevistas no dia e horário combinados.

A maioria dos entrevistados possui o seguinte perfil: são surdos que se comunicam principalmente em Libras, são pouco oralizados e possuem reduzido domínio da língua portuguesa na modalidade escrita. São surdos adultos engajados na comunidade surda e estão envolvidos em atividades sociais e esportivas organizadas pela recém-criada Associação de Surdos da cidade de Campos dos Goytacazes. Assim, segue na íntegra as entrevistas conforme apresentadas no Apêndice 1.

Em atendimento aos requisitos estabelecidos para as pesquisas científicas envolvendo seres humanos, foi submetido para apreciação do trabalho os seguintes documentos:

- Projeto de Pesquisa
- Cronograma
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para as entrevistas
- Informe dos instrumentos de coleta de dados
- Termo de autorização de uso de Imagem/Voz
- Termo de orçamento/declaração de custos
- Declaração de Anuência Institucional
- Declaração de compromisso dos pesquisadores de inserirem os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil.

Desse modo, o projeto foi designado para análise do Comitê de ética dos Institutos Superiores de Ensino do CENSA (ISECENSA) onde ajustes protocolares foram cumpridos para aprovação, conforme o parecer 5.948.949 (Anexo 1).

Após o consentimento do comitê, as entrevistas foram iniciadas em abril de 2023 e finalizadas em setembro de 2023, sendo organizadas em duas etapas: investigação sobre a acessibilidade comunicacional do Instituto e, posteriormente, aspectos sobre a acessibilidade do produto educacional. Cabe ressaltar que do público pesquisado, nove pessoas aceitaram ser entrevistados comprovados por assinatura do TCLE.

Portanto, cumprir esta etapa da pesquisa foi importante para desenvolver o produto educacional e validá-lo de acordo com os apontamentos do público-alvo e profissionais da área da educação especial bem como da área de Informática.

4 PRODUTO EDUCACIONAL

A experiência de aprendizagem é o foco norteador de um produto educacional. Segundo Kaplún (2003, p. 46), o que é importante para nós aqui é que “um material educativo não é apenas um objeto (texto, multimídia, audiovisual ou qualquer outro) que fornece informações, mas em um determinado contexto, facilita ou apoia o desenvolvimento de uma experiência de aprendizagem”. Desse modo, para a construção do produto educacional serão considerados três eixos de análise propostos por Kaplún (2003): o conceitual, o pedagógico e o comunicacional.

Do ponto de vista conceitual, o respectivo produto traz como tema central as contribuições que um guia didático de curso com acessibilidade pode resultar para a comunidade surda. Vale ressaltar que o eixo conceitual é o plano onde ocorrem as discussões geradoras e as reflexões sobre o tema. Portanto, é nesta etapa, enriquecido pelo conhecimento dos especialistas, que se pode encontrar a base para orientar ações que visam facilitar a experiência de aprendizagem como o desenvolvimento dos mecanismos de um produto educacional voltado para a tomada de decisão no contexto da EPT.

Neste sentido, o produto educacional carrega um conjunto de princípios que promovam autonomia, autoconhecimento e segurança ainda durante as etapas que antecedem o efetivo ingresso do candidato. Dessa maneira, espera-se que estes conceitos basilares sejam o caminho para uma exitosa acessibilidade comunicacional.

Em relação ao caráter pedagógico, Kaplún (2003, p. 49) indica a relevância de um “trabalho de pré-alimentação da mensagem educativa a elaborar, saber o que sabem, o que querem, o que imaginam, ignoram do tema em questão, e a quais necessidades o material poderia responder”. Objetiva-se através das entrevistas coletar todas estas informações essenciais para a construção do guia proposto.

Interativamente, essas questões serão elucidadas nas dinâmicas de funcionamento do guia através de um questionário em Libras com perguntas sobre o perfil da pessoa. As alternativas de respostas, também em Libras, permitirão uma escolha compreensível e os primeiros desenhos de perfil.

Após essa etapa, o produto será alimentado com as informações sobre as características dos cursos, inicialmente, apenas aquelas mais procuradas pela comunidade surda. Espera-se que dentro das proposições do eixo pedagógico, o candidato surdo seja

convidado a percorrer uma nova perspectiva que queremos abrir para ele, ou que lhe propomos que descubra. Ao fim deste caminho poderá ele, ou não, ter efetivamente

mudado ou enriquecido algumas de suas concepções, percepções, valores etc. De qualquer modo, a possibilidade estará aberta (Kaplún, 2003, p. 49).

Se concebemos o eixo pedagógico como o “caminho” na construção do produto educacional, temos como “veículo” desse processo o eixo comunicacional. Para tal, o sentido da visão é o elemento motriz para dar concretude a qualquer produto pensando no sujeito surdo.

A surdez é uma experiência visual que traz uma ao sujeito surdo a possibilidade de construir sua subjetividade por meio de experiências cognitivas-linguísticas diversas, medidas por formas de comunicação simbólica alternativas, que encontram na língua de sinais seu principal meio de concretização (Martins, 2010, p. 48).

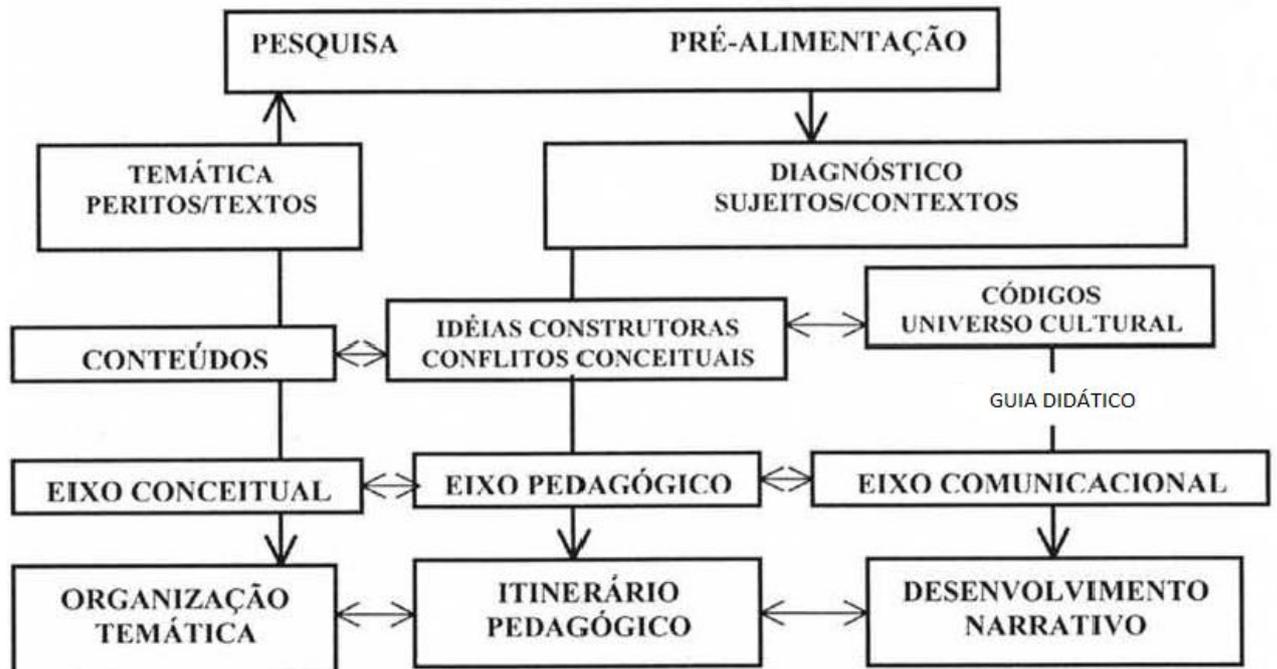
Pensar em comunicação de um produto educacional direcionado para a comunidade surda deve-se à importância da língua de sinais. Desse modo, as informações contidas no guia devem ser traduzidas em Libras acompanhadas de recursos imagéticos que favoreçam intuitivamente o usuário surdo.

Pessoas surdas geralmente encontram dificuldades em interagir com interfaces digitais que foram projetadas para ouvintes. As atuais propostas de ambientes virtuais, em particular as sustentadas em Learning Management Systems (LMSs), como moodle, são alicerçadas na lógica da língua escrita e falada, não apresentando suporte para as línguas gestuais, e exploram de forma frágil os aspectos da visualidade, tão importante para este público (Pivetta; Saito, 2013, p. 193-194).

É possível perceber que o aspecto comunicacional não se resume a implementar apenas a utilização da Libras no produto educacional. Requer importar-se com o projeto da interface, a intuitividade, o design da informação e muitos outros pontos importantes acerca da construção visual. Como bem mencionado por Kaplún (2003, p. 54) “será preciso animar-se a romper os moldes para que a mensagem educativa não seja, uma vez mais, equivalente a um sermão impresso ou uma chatice audiovisual”.

Desse modo, é possível compreender a preocupação com os recursos imagéticos utilizados no guia didático do curso. A construção visual do guia de curso é um aspecto comunicacional tão importante quanto a utilização da Libras no questionário do guia. Assim, reforça-se a importância de seguir critérios pautados no eixo conceitual, pedagógico e conceitual conforme representado na Figura 4.

Figura 4 - Elementos norteadores na construção do Produto Educacional



Fonte: Kaplún (2003, p. 59).

A Figura 4 demonstra o caminho da construção do produto educacional alinhado ao eixo conceitual, pedagógico e comunicacional. De maneira linear, o eixo conceitual está vinculado ao conteúdo, organização temática e pesquisa. O eixo Pedagógico encontra-se verticalizado no centro do mapa conceitual com itinerário pedagógico, ideias construtoras/conflitos conceituais, diagnóstico sujeitos/contextos e pré-alimentação. Por sua vez, no eixo comunicacional aponta-se a relação com o desenvolvimento narrativo e códigos universo cultural manifestados na forma de guia didático. Nota-se ainda que o eixo pedagógico está interligado com cada elemento trazido pelos eixos conceitual e comunicacional.

O aspecto didático do guia consolida-se à medida que a experiência de aprendizagem ocorre na relação que o usuário tem com os mecanismos de funcionamento do produto baseados na Teoria de Aprendizagem Significativa (TAS). A construção do proposto guia será desenvolvida como página da internet seguindo as mesmas premissas da construção visual encontradas em sites institucionais como o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) campus Palhoça e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) mais especificamente na área do site que hospeda o curso de Letras - Libras. Pautado na teoria da aprendizagem significativa, o guia didático acessível de cursos técnicos visa contribuir para o autoconhecimento norteado por um questionário traduzido em Libras e, posteriormente, confrontar com as informações acerca dos cursos.

A apresentação sobre os cursos é baseada no conceito de organizadores prévios permitindo o usuário agregar novos conhecimentos a partir da construção visual e inserção de conceitos gerais pertinentes a área do curso. Assim, esses elementos podem contribuir para a aprendizagem ainda na etapa que antecede o ingresso, possibilitando conexão com o aprofundamento dos conteúdos apresentados durante o curso.

Dada a quantidade de candidatos que tentaram ou que manifestaram a vontade de realizar o curso Técnico em Informática, o respectivo produto educacional será desenvolvido e aplicado para esse curso. Antes da aplicação do guia didático ao público-alvo, ele foi submetido à validação de especialistas na área da educação de surdos e pela equipe multiprofissional do NAPNE com o objetivo de aperfeiçoar os aspectos técnicos de acessibilidade.

4.1 Processo de construção do Produto Educacional

O processo de construção do produto educacional teve como ideia inicial a elaboração de uma página na *web* com um questionário em Libras composto de perguntas sobre o perfil do candidato. Após o preenchimento, o algoritmo por trás das perguntas indicaria o curso mais alinhado com as características apresentadas. No entanto, reflexões e discussões posteriores apontaram para a construção de um guia de curso na forma de um vídeo instrucional que pudesse apresentar os aspectos mais importantes de qualquer curso ainda que não sugerido pelo algoritmo. Além disso, dependendo do candidato surdo, o pouco domínio da Libras poderia gerar conflitos nos resultados sugeridos pelo algoritmo.

Desse modo, as entrevistas com os surdos participantes da pesquisa contribuíram para mudanças na mecânica de funcionamento do produto educacional com o objetivo de realinhar as reais necessidades do público-alvo. Esses ajustes no processo vão ao encontro do que Kaplún (2003, p. 49) diz: “Quando este diagnóstico é feito com rigor, costuma aparecer um leque de problemas complexos, que podem obrigar-nos a revisar o rumo proposto inicialmente e o próprio conceitual, obrigando, inclusive, novas pesquisas neste terreno”.

A etapa de análise das entrevistas envolveu um estudo minucioso no processo de tradução dos entrevistados, facilitada pela autorização da gravação concedida por eles. Para o procedimento de tradução da Libras para português foi considerado o nível linguístico diverso, apresentado pelo público-alvo, de maneira que as informações alcançassem mesmo quem não tem pleno domínio da língua. Com base nas estratégias de tradução da língua de sinais para o português como reconstrução de períodos, equivalência e transposição, o conteúdo do guia de curso precisou passar por um processo de refinamento até o resultado final.

Dada a quantidade de elementos intrínsecos a produção do material, um roteiro com o registro de ideias e ações organizadas em sequência permitiu projetar uma visão estruturada do produto. Tal ordenamento seguiu a lógica de um *storyboard* considerando o nível de conteúdo e o de configuração visual (Costa, 1998).

Apesar do *storyboard* estar sintetizado em dois níveis, as ações planejadas que englobam todo o processo são: elaboração de um resumo descritivo da aplicação, pesquisa e seleção dos conteúdos, organização da informação e representação da estrutura da aplicação, desenho da interface e especificação dos elementos multimídia (Costa, 1998).

Assim, pensando na organização do produto educacional nos seus mais diversos níveis, o *storyboard* foi um instrumento essencial para definir o passo a passo na elaboração do texto, na seleção dos elementos da construção visual e nos processos que envolviam tradução e simplificação das informações. De forma específica, a construção do guia constitui-se dos seguintes passos:

1º. Resumo descritivo da aplicação. Foi a etapa em que as ideias construtoras foram organizadas em sequência, formando a estrutura do produto. Assim foi definido para o início do guia uma breve conceituação do curso, em seguida a área de atuação e, por fim, o perfil profissional, sendo estes dois últimos tópicos encontrados na apresentação dos cursos no site do IF Fluminense.

2º. Pesquisa e seleção de conteúdo. Com a estrutura construída, iniciou-se o processo de estudo de conceitos. Com base nas informações sobre o curso, foram analisados os termos considerados chaves e imprescindíveis para o público-alvo. Além disso, o critério na seleção desses termos fora definido pelo vínculo que existiam na identidade do curso e recorrência na ementa. Ainda nesta fase, além do eixo conceitual, foram consideradas as premissas do eixo pedagógico em razão dos conhecimentos prévios importantes para o estudante carregar antes do ingresso (Kaplun, 2013).

3º. Organização da informação. Esta etapa é onde o conteúdo foi ordenado de acordo com os pilares: conceito, área de atuação e perfil profissional. Em vista disso, a construção do texto foi pautada em características preponderantes do curso. A “conceituação” revelou a abrangência do curso, considerando as vertentes da programação, redes e hardware bem como suas diferenças conceituais. A área de atuação focou nos espaços de trabalho onde geralmente os profissionais estão mais presentes. Por sua vez, o perfil profissional concentrou-se em habilidades e competências desenvolvidas no decorrer do curso.

À medida que a investigação das terminologias da área de informática era aprofundada, se fez necessário tornar compreensível o conteúdo técnico sobre a área, uma vez que muitos

termos são desconhecidos pelo público em geral. Desse modo, o texto trazido no site institucional do IF Fluminense passou por uma reescrita simplificada e adequada para a Libras sem que acarretasse a distorção de conceitos. Segundo Maziero *et al.* (2009, p. 1), “a simplificação textual é tida como o processo de reduzir a complexidade nos diversos níveis do texto (léxico, sintático e discursivo), mantendo sua significação inicial.”

4º. Desenho da interface. Depois de seguidas modificações do texto, chegava o momento de saber se o produto textual contemplava, de fato, a proposta do curso técnico de informática do IF Fluminense. A professora Etelvira Cristina, profissional do curso Técnico em Informática e com anos de experiência na área, aceitou prontamente apreciar o conteúdo e realizar a avaliação. A análise da professora consistiu em apreciar o texto para a legendagem do vídeo e sua capacidade de refletir a proposta do curso. A avaliação foi dividida em duas partes: uma introdução inicial e uma análise subsequente das sentenças relacionadas à programação, redes e hardware onde foi avaliado se a construção textual estava alinhada com o propósito do curso.

O *feedback* da professora enfatizou a importância de não tornar o desenvolvimento do conceito excessivamente longo e técnico, a fim de evitar qualquer confusão na compreensão por parte dos surdos. Quando perguntada sobre o quanto aquele texto representava o curso, disse que os elementos essenciais sobre o curso estavam presentes, embora as imagens pudessem trazer ainda mais clareza para algumas informações.

No tópico específico sobre programação, a professora considerou a possibilidade de incluir exemplos de sistemas operacionais, no entanto, ela declinou com receio de que o público – alvo pudesse não relacionar esses exemplos de forma apropriada ao referido tema, o que poderia ocasionar em uma compreensão equivocada.

Quanto ao tópico de redes, havia uma preocupação da professora em transmitir a ideia de forma clara sobre a comunicação existente entre os computadores e a forma em que isso é materializado. Desse modo, foi selecionado recursos imagéticos que pudessem representar apropriadamente a troca de informações por meio de conexões via cabo ou por redes sem fio. Essa estratégia teve a concordância da professora Etelvira que analisou a compatibilidade da representação visual com os conceitos trazidos na abordagem sobre redes.

No que se refere à seção sobre hardware, a professora Etelvira recordou o período em que lecionou para turmas que haviam surdos e destacou que a parte de hardware era a área em que melhor apresentaram desempenho no cumprimento das atividades. Sobre o conteúdo apresentado no produto educacional, ela destacou que os vídeos e as representações visuais estavam alinhados com as expectativas dos alunos iniciantes quanto ao funcionamento do

computador e à explicação das funções de cada periférico. Assim, segundo a avaliação da Professora Etelvira, o produto Educacional estava de acordo com as proposições de conhecimento introdutório para quem se interessa pelo curso Técnico em Informática.

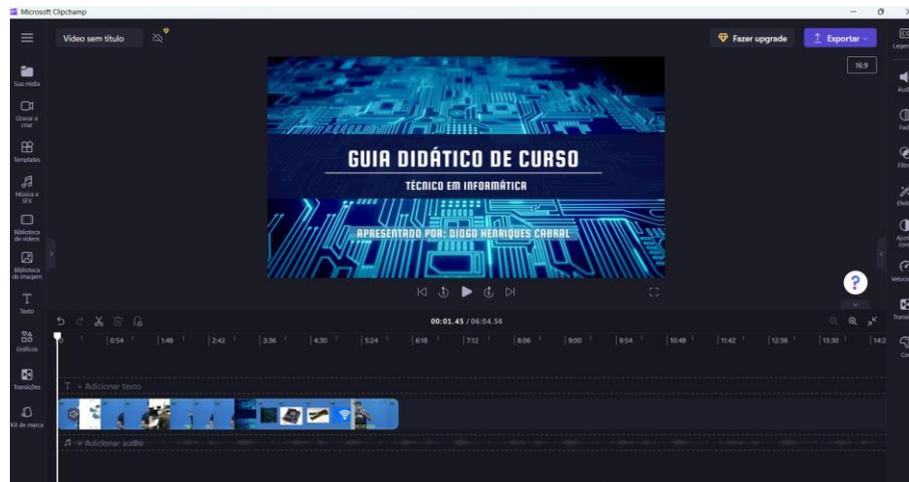
Seguinte a apreciação da professora quanto a pertinência do texto com a apresentação do curso Técnico em Informática, o processo de simplificação do texto e as estratégias de interpretação da língua-fonte (português) para a língua-alvo (Libras) exigiram que a construção das sentenças e escolhas lexicais fossem analisadas por profissionais da área de tradução- interpretação para validação.

Assim, foi apresentado para a equipe de intérpretes do NAPNE *campus* Campos Centro o texto original bem como o esboço da interpretação para os devidos ajustes. Após os apontamentos, foram atendidos os destaques na organização das ideias, posicionamento no ato interpretativo e aperfeiçoamento nos elementos visuais trazidos no vídeo. A equipe ainda trouxe valiosas contribuições na seleção de imagens, indicando a padronização dos tamanhos e transições quadro a quadro, fundamentais nos vídeos cujo público-alvo é o surdo. Por esse público ater-se a aspectos visuais, foram utilizadas várias de várias representações para demonstrar todas essas questões estruturais da pesquisa. De acordo com Santaella (2015, p. 16):

As imagens não são apenas formas de conhecimento. Elas criam modelos de conhecimento. Para chegar a isso, é preciso transitar entre o visível e o legível, aquilo que, na imagem, se deixa ver e ler. Em outras palavras, imagens também se leem, o que implica aprendizagem, atenção e respeito a sua especificidade de linguagem, sem asfixiá-la em categorias logocêntrica extraídas do verbal-discursivo.

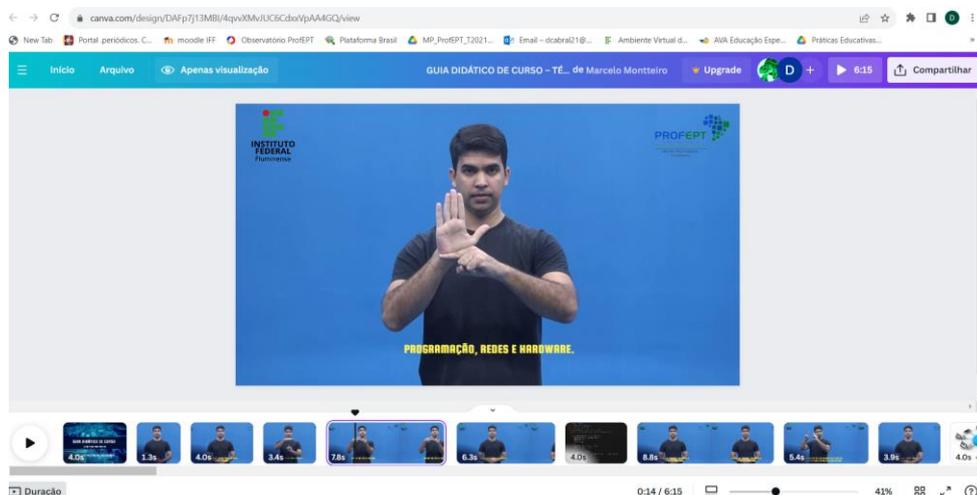
Os aspectos técnicos indicados pela equipe profissional e a escuta aos detalhes apresentados pelos surdos, possibilitaram bom alinhamento entre os eixos implícitos (conceitual, pedagógico e comunicacional) em especial pela criteriosa seleção de imagens e vídeos. Para a construção do vídeo foram utilizadas ferramentas de edição como o *Clipchamp* e o *Canva*. Esses dois programas possibilitaram melhorias nos aspectos estéticos, em especial, na qualidade visual de imagens e vídeos, além do incremento da legenda conforme pode ser observado nas Figuras 5 e 6.

Figura 5 – Página de edição do produto educacional no Clipchamp.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Figura 6 – Página de edição do produto educacional no Canva.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Com o produto legendado, iniciou-se a aplicação para os entrevistados e o registro da opinião deles sobre o que estavam testando. Assim como ocorreu na primeira entrevista, foi necessário criar um ambiente menos formal e de mais diálogo para que pudesse extrair informações de grande relevância. Abaixo, seguem algumas perguntas que foram elaboradas para trazer esse retorno:

- Sobre qual assunto o vídeo trata?
- Há algum sinal visual que você não conhecia?
- Por meio do vídeo, consegue entender o significado desse sinal?
- Considera esse vídeo acessível?

- Melhoraria algum aspecto dele?
- Conseguiria explicar para um colega surdo o que envolve o curso técnico em Informática a partir do que viu no vídeo?
- Com base nesse vídeo, o curso técnico de Informática corresponde com sua expectativa?
- Se você já realizou o curso Técnico em Informática, acha que ele está alinhado com o que você estudou?

Esta etapa de aplicação foi importante para conhecer ainda mais o público-alvo e ter mais clareza sobre um produto criado para ele. Os relatos apresentados pelos respondentes foram fundamentais para instrumentalizar a construção do produto educacional. Por isso, esse breve relato dos resultados da pesquisa com os entrevistados representa um recorte apropriado no desenvolvimento do vídeo. Desse modo, para a pergunta: “sobre qual assunto o vídeo trata?”, os respondentes indicaram de forma unânime se tratar do *Curso Técnico em Informática*. Entretanto, quando perguntados: “Há algum sinal visual que você não conhecia?”, os respondentes trouxeram declarações importantes.

Entrevistado A: *Conheço a maioria dos sinais da área de Informática, mas percebi que um ou outro sinal é diferente do que aprendi*. Na mesma linha, o entrevistado “D”, que fez um curso de informática online afirma: *“Durante a pandemia fiz um curso de Informática cujos vídeos eram interpretados, o intérprete utilizava uma sinalização parecida, mas tem termos que os sinais estão diferentes”*.

Sobre esta variação linguística encontrada no contexto das comunidades surdas, Karnopp (2009, p. 6-7) afirma:

A linguística, ao estudar qualquer comunidade que usa uma língua, constata de imediato, a existência de diversidade ou de variação, ou seja, a comunidade linguística (no caso aqui investigado, a comunidade de surdos) se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de usar a língua de sinais. A essas diferentes maneiras de fazer sinais, utiliza-se a denominação de “variedade linguística”.

Nas línguas orais é evidente a presença das nuances linguísticas específicas a cada região dentro de um mesmo país. Nas línguas de Sinais, esse fenômeno de variação também ocorre, e é por isso que ele é destacado na sinalização dos termos técnicos, como enfatizado pela entrevistada “B”.

“Na época em que realizei o curso Técnico em Informática no IF Fluminense tive contato com uma variação relativamente diferente de alguns sinais que constam no vídeo”.

Devido aos apontamentos, foi perguntado: Por meio do vídeo, consegue entender o significado do sinal?

A entrevistada “B” afirma: *“Os sinais que são diferentes ou conceitos e palavras que eu não conhecia, as imagens e vídeos foram determinantes para indicar o significado dos sinais”*.

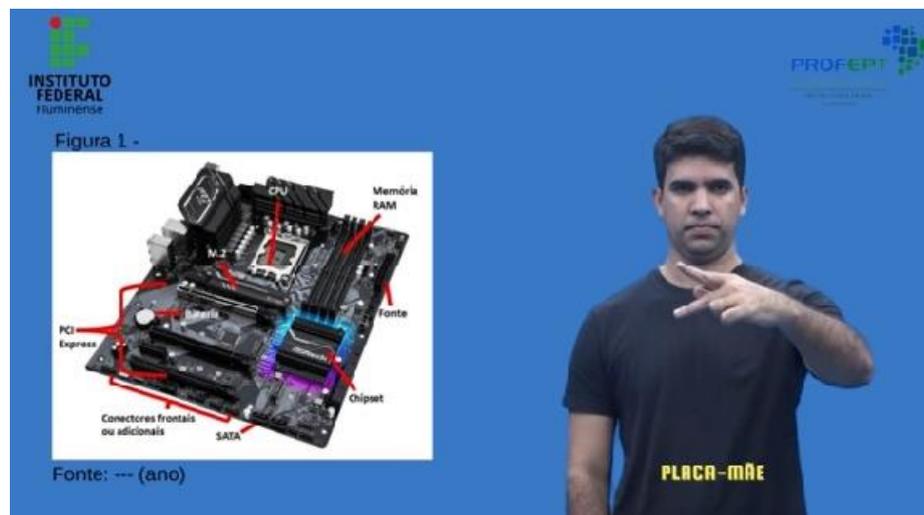
Os entrevistados “A” e “I” também reforçaram que essa variação é comum em outros contextos, mas que no vídeo, as explicações davam certo sentido ao sinal do termo técnico, por isso, não tiveram dificuldades de compreender.

Baseado nesses relatos, foi introduzido um glossário de termos técnicos ao fim do vídeo com o intuito de servir de consulta, caso surgissem dúvidas ao usuário. Ele foi construído com base nos pressupostos da aprendizagem significativa, que segundo Moreira (2010, p. 2)

[...] é aquela em que ideias expressas simbolicamente interagem de maneira substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aprendiz já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é qualquer ideia prévia, mas sim com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende.

O Glossário, outrora, foi pensado apenas como recurso elucidativo do eixo pedagógico para melhorar a compreensão das novas terminologias e conectar com o que havia sido tratado no vídeo, objetivando acrescentar novas informações à estrutura de conhecimento do candidato a ingressante. Assim, foram selecionados apenas os principais termos utilizados na apresentação do curso, conforme indicado na Figura 7.

Figura 7 – Glossário de termos técnicos do Curso em Informática.



Fonte: elaborado pelo próprio autor (2023).

Em continuação das entrevistas, o entrevistado “D” enfatiza não apenas a importância das figuras, mas também ressalta a relevância dos vídeos como meios de representar o tópico da “Atuação Profissional”.

Entrevistado “A” - *“muitos surdos podem ser beneficiados na hora de escolher o curso técnico, pois em geral, muitos só consideram a vertente da manutenção de computadores e não conhecem a parte de hardware e redes de computadores”*.

A entrevistada “B”, única das respondentes que concluiu o Curso em Informática, afirma: *“Se eu tivesse acesso a este guia antes de ingressar no curso, conseguiria entender certos conceitos que somente veio a aprender depois de algum tempo”*.

Como única respondente que concluiu o curso Técnico em Informática, a entrevistada “B” ainda traz outras considerações a respeito do impacto do vídeo no que diz respeito à expectativa de futuros participantes do processo seletivo.

“O vídeo é coerente com tudo que eu vi durante o curso. Mas, têm disciplinas que usam bastante a lógica e operações matemáticas. O surdo que entrar e não gostar disso, pode enfrentar dificuldades e, talvez, desistir. Do contrário, se ele tem facilidade com matemática, vai gostar do curso”.

A partir destes comentários, a aplicação do produto Educacional foi fundamental para implementar melhorias na construção visual, glossário e organização de algumas ideias que pareceram confusas no processo de tradução. Além disso, o retorno por parte dos surdos trouxe uma perspectiva realista de que o vídeo orienta, entretanto, não esgota em si mesmo todas as possibilidades no momento de escolha de um curso.

5º. Especificação dos elementos de multimídia. Nesse estágio de produção significa revisar todo processo de construção e confrontar toda construção visual bem como o processo tradutório das legendas com os apontamentos dos profissionais da área e do público-alvo, considerando que os eixos conceitual, pedagógico e comunicacional precisam estar conectados, fundamentalmente, as proposições dos envolvidos. Desse modo, todas as etapas do desenvolvimento textual empregado na legenda bem como o produto educacional foram recapituladas para os ajustes finais. Assim, foi necessário reexaminar todo o processo de evolução do produto educacional, conforme apresentado na Figura 8.

Figura 8. Primeira etapa de construção do produto Educacional



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Na Figura 6, o pesquisador grava os primeiros vídeos-rascunho do conteúdo pesquisado apenas utilizando a webcam do notebook. Neste momento, não há processo de legendagem nem foco aos elementos visuais do vídeo. Por sua vez, no estágio seguinte, há a seleção das primeiras imagens associadas às informações apresentadas, conforme destacado na Figura 9.

Figura 9 – Segunda etapa de construção do produto educacional



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2023).

Além da seleção das imagens, nesta fase, a interpretação do conteúdo passou pela primeira simplificação para acompanhar as informações contidas na imagem. O espaço de gravação permanece informal, as dimensões e a localização das imagens estão indefinidas. A

etapa seguinte, por sua vez, é a versão construída para a submissão do produto aos profissionais e ao público-alvo, como demonstrado na Figura 10.

Figura 10 - Terceira etapa de construção do produto educacional



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Com o fechamento do conteúdo, seleção de imagens e a implementação da legenda, a atenção é voltada para a construção visual tendo em vista o cenário, postura na ação interpretativa e localização da legenda e imagens. Além das questões conceituais, estes aspectos técnicos também foram analisados e apontadas sugestões como mostra a Figura 11.

Figura 11 - Representação da última etapa de construção do produto educacional



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

A Figura 9 representa a conclusão do produto educacional atendendo os apontamentos dos profissionais e do público-alvo envolvido. Para esta última versão, foram realizadas

melhorias orientadas para o conforto visual e linguístico como a iluminação, o enquadramento da sinalização, disposição do logo, tamanho e posicionamento da legenda (Oliveira; Galasso, 2023). No glossário, foi incluído imagens que correspondem adequadamente a determinados dispositivos mencionados na apresentação do curso.

Assim, o guia de curso foi projetado para promover o acesso à informação dentro dos parâmetros da funcionalidade para a pessoa com deficiência. Vale destacar que o NAPNE tem como parte de sua essência a criação de Tecnologias Assistivas de diversas categorias, assim o guia de curso em questão estará disponível como mais um recurso destinado a atender o público surdo interessado no curso Técnico em Informática. Durante todo processo de desenvolvimento foi considerado as demandas levantadas pelo público-alvo considerando a necessidade de reduzir/eliminar as barreiras comunicacionais acerca da informação.

Decerto, após a conclusão do produto educacional, a etapa subsequente se refere às implicações da sua aplicação e aos desdobramentos da pesquisa e suas elucidações.

5 RESULTADOS DA PESQUISA

No sentido de verificar melhor as demandas do público para o qual o produto é destinado - surdos - a pesquisa começou por uma fase diagnóstica composta por entrevistas que foram realizadas individualmente de forma presencial ou por videoconferência. Devido à dificuldade de encontrar alguns candidatos e o não aceite de outros, nove pessoas do público-alvo foram entrevistadas, sendo cinco do curso Técnico em Mecânica, três do curso Técnico em Informática e um do curso em Eletrotécnica na modalidade Proeja, conforme apresenta a Tabela 3.

Tabela 3 - Quantidade de surdos entrevistados que participaram do processo seletivo

<i>Curso</i>	<i>Candidatos</i>	<i>Aprovados</i>	<i>Evadidos</i>	<i>Concluintes</i>
<i>Informática</i>	3	1	-	1
<i>Mecânica</i>	5	2	1	1
<i>Eletrotécnica</i>	1	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Nesta seção, os resultados da pesquisa serão detalhados de acordo com a análise de dados obtidos durante o percurso deste estudo. Para sua organização, estão sendo considerados os objetivos da pesquisa e as questões específicas que orientaram a respectiva investigação.

Conforme planejado para a etapa investigativa, as entrevistas aconteceram com três perfis de candidatos: Não aprovados, evadidos e os concluintes. As primeiras perguntas da entrevista visavam saber qual era o conhecimento dos entrevistados sobre o IFFluminense e compreender se os canais de comunicação estavam alcançando esse público.

Quando perguntados sobre o IFFluminense e os cursos ofertados, os respondentes disseram vir a conhecer através de familiares, intérpretes, colegas de escola e amigos surdos. Estes últimos, inclusive, impulsionaram o interesse da maioria em buscar informações sobre os processos seletivos. Segundo Strobel (2008, p. 7) “essa característica social faz com que pessoas surdas mantenham suas vidas na comunidade surda, participando da associação de surdos, realizando atividades conjuntas, estudando em uma mesma escola, empreendendo lutas e reivindicações conjuntas”.

Apesar da ausência de acessibilidade em Libras na área dedicada à apresentação dos cursos e editais no site do Instituto, a comunidade surda demonstrou interesse devido ao ingresso de seus primeiros pares surdos nos cursos técnicos. Logo, a constatação desse

movimento se evidencia pelo maior número de surdos inscritos no processo seletivo do ano de 2017 e pelo incentivo recebido de estudantes surdos para conhecer o espaço do IF Fluminense, conforme relataram os participantes “A”, “C” e “G”.

Entrevistado “A” - *Minha mãe e outras pessoas da minha família e amigos surdos da escola em que estudei perguntavam se eu tinha interesse em estudar no IFF. Mas eu não conhecia, então resolvi fazer uma visita em 2016 e decidi me inscrever para o curso técnico, entretanto, até aquele momento, foi a primeira vez que estive no IFF e no NAPNE”.*

Entrevistado “C” – *“Foi meu amigo surdo Matheus. Até hoje ele me incentiva a fazer os processos seletivos do IFF”.*

Entrevistado “G” – *“Um colega de escola me chamou para fazer uma visita no IFF, na época o Instituto era chamado de CEFET CAMPOS. Lembro que eu não tinha muito conhecimento sobre o espaço, havia muitas barreiras no acesso às informações pelo fato de eu ser surdo. Os colegas de turma da minha escola me deram apoio, diziam que eu tinha bom potencial para estudar aqui, por isso, incentivavam para eu fazer a inscrição e vir estudar”.*

Vale ressaltar que os entrevistados, em sua maioria, realizavam as inscrições direto no NAPNE com o auxílio dos intérpretes conforme identificado nas entrevistas.

Entrevistado “A”: *“Sim, os intérpretes do instituto ajudavam sempre que eu aparecia lá no NAPNE”.*

Entrevistado “B”: *“Fiz a inscrição no NAPNE e depois da aprovação na prova consegui ingressar.*

Entrevistado F: *“Sim, fui ajudado por uma pessoa do NAPNE”.*

Entrevistado “G”: *“Sim. Eu sempre preencho os campos da inscrição, mas quando estou inseguro ou em dúvida pergunto ao intérprete do NAPNE. Em geral, depois da verificação de algum profissional é que finalizo a inscrição”.*

Entrevistado “H”: *“Sim, consegui ajuda no NAPNE”.*

A existência do NAPNE como espaço central de promoção de acessibilidade se torna a primeira escolha para o público que depende do atendimento especializado. Na realidade, a procura por esse serviço segue a lógica natural de procurar um lugar de referência que proporcione conforto ao surdo, que não consegue obter autonomia no acesso às informações institucionais por conta própria. É importante mencionar que aqueles que não realizaram a inscrição no NAPNE obtiveram ajuda de familiares, mas nenhum dos entrevistados apontou ter feito a inscrição do processo seletivo sozinho. Fica claro, portanto, que se inscrever de forma autônoma no processo seletivo não é uma alternativa alcançável para aqueles que dependem da Libras para acessar as informações institucionais. De acordo com Vieira *et al.* (2018, p. 15):

Entende-se que as Instituições de Ensino Superior (IES) devem trabalhar na promoção e efetivação de ações afirmativas que visem amenizar os obstáculos que impedem e/ou dificultam a participação do público de pessoas com deficiência (incluindo nesse grupo, para fins de direitos, os surdos) no exame de vestibular e/ou processos seletivos. Isso significa que a universidade comprometida com a educação de todos, ao considerar os estudantes surdos deverá assumir mecanismos de acessibilidade no exame vestibular conforme previsto no Decreto 3.298 (BRASIL, 1999), Portaria 3284 (BRASIL, 2003) e Circular 277 (BRASIL, 1996). Evidentemente, por se tratar de normativas recentes no país, as respostas para lidar com seu cumprimento, em algumas instituições de ensino, constituem-se uma meta a ser alcançada.

Informações fundamentais acerca da prova como cronograma, isenção da taxa de inscrição, modalidade de reservas de vagas e outras instruções para o candidato no dia da prova passam despercebidos devido às barreiras comunicacionais encontradas nos editais. Embora tenha um setor que atenda as dúvidas e acompanhe o público da educação especial em diferentes contextos, muitas vezes não consegue assumir demandas que cabe ao candidato e seu direito de ter autonomia.

As barreiras comunicacionais implicaram outros desdobramentos que limitaram o conhecimento dos candidatos sobre os cursos ofertados pelo IF Fluminense *campus* Centro. Por isso, foi necessário saber dos entrevistados o quanto conheciam das opções de curso disponíveis no Edital e no site do Instituto. Para isso, foi realizada a seguinte pergunta: *“Conhece os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?”*

As respostas dos entrevistados foram:

- A. *“Não, não tinha ideia dos cursos ofertados”.*
- B. *“Tudo não, conheço poucos. Sei do curso técnico de Informática e Telecomunicações”.*
- C. *“Não. Na época conhecia e queria fazer mecânica embora hoje pense em fazer informática”.*
- D. *“Todos não. Sei que tem o curso de Automação, Informática, Edificações e Mecânica. Acho que só esses”.*
- E. *“Sim. Conheço informática, segurança do trabalho, telecomunicações. São esses mesmos”.*
- F. *“Conheço bem pouco, sei do curso de Segurança do Trabalho, Informática e Farmácia. Não conheço todos”.*
- G. *“Não conheço todos. Eu percebo que não há uma relação do candidato surdo com o objetivo do curso e outras informações pertinentes para a escolha. Vejo que pela falta de experiência do surdo com esse meio, necessita-se de orientações claras que os façam compreender aspectos dos diferentes cursos que há no IFF como os cursos de mecânica, eletrotécnica e até os cursos superiores”.*

- H. *“Só alguns, o curso técnico em Mecânica e os cursos de Educação Física e Teatro”*.
 I. *“Conheço poucos, o curso de Informática e o de eletrotécnica”*.

De acordo com as informações do site do Instituto, o *campus Centro* oferece oito cursos técnicos concomitantes, são eles: Automação Industrial, Edificações, Eletrotécnica, Estradas, Informática, Mecânica, Química e Telecomunicações. Além disso, na modalidade subsequente, é oferecido o curso de Segurança do Trabalho no turno da noite. Nota-se que algumas respostas indicam que os entrevistados têm um conhecimento limitado sobre esses cursos, e há dificuldades em distinguir entre cursos técnicos e cursos superiores.

Outro aspecto que chama atenção é a predominância do curso Técnico em Informática e o curso de Mecânica como os cursos mais conhecidos em comparação com os outros. É importante mencionar que esta tendência não representa uma coincidência uma vez que os cursos mais procurados pelos candidatos eram exatamente os mesmos pelos quais os dois surdos ingressantes no ano de 2015/2016 já realizavam, o curso Técnico em Mecânica e o de Informática.

Sobre a acessibilidade nas informações institucionais encontradas no site, foi colocada a seguinte pergunta: *“As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?”*. Nesse caso, sete dos entrevistados ratificaram as inúmeras dificuldades de acompanhar o conteúdo. A resposta do entrevistado “A” resume bem a posição dos demais sobre essa questão: *“O site traz todo seu conteúdo em português escrito, muitas palavras eu não conheço. Acho que falta interpretação em Libras, acabo sempre tendo que perguntar o que está escrito ali para algum intérprete.”*

Esse relato corrobora com o que a literatura científica confirma há tempos sobre os obstáculos que o surdo encontra com a modalidade escrita da língua portuguesa. Nesta linha, Ferreira e Aragão (2022, p. 1) afirmam:

As dificuldades das pessoas surdas na comunicação estão relacionadas aos problemas de enfrentamento em (re) conhecer a língua portuguesa, porque ela tem uma estrutura gramatical diferente da Libras, muitas pessoas que usam Língua Brasileira de Sinais não se alfabetizaram em língua portuguesa, por isso não sabem ler ou não conseguem entender totalmente o contexto de materiais escritos.

Para promover maior autonomia na escolha de cursos técnicos, é fundamental ampliar o acesso às informações sobre os cursos oferecidos pelo IF Fluminense. Isso pode ser alcançado por meio de melhorias na acessibilidade do site e pela divulgação mais eficaz dos canais de informação da Instituição. Segundo Rocha e Duarte (2012, p. 74):

Eliminar todas essas barreiras é um grande desafio, posto que cada vez mais pessoas se inserem no mundo digital, o que aumenta consideravelmente a multiplicidade de usuários com necessidades diferenciadas de acesso aos conteúdos digitais. É importante ter em mente que apenas disponibilizar serviços e informações na WEB não é o bastante.

Em observação das ferramentas de acessibilidade utilizadas nas páginas oficiais dos sites da UFSC, IFSC e INES foram identificadas a disponibilidade do plugin do *Vlibras*. Embora Reis et.al (2017) e Oliveira et.al (2017) apresentem em suas pesquisas o potencial benefício no uso dessa ferramenta, nota-se séria insuficiência na qualidade da tradução de conteúdos em português para Libras. No entanto, é possível identificar a supressão de um dos parâmetros (expressão facial) da Língua de Sinais, tradução isolada de palavras em detrimento ao claro entendimento do contexto e limitação do vocabulário (Lima et.al, 2021). No site do IFFluminense o *VLibras* é apresentado no ícone de acessibilidade para surdos, contudo, a instalação do plugin para o efetivo funcionamento não é intuitivo, gerando dificuldades para o usuário em habilitar o recurso.

A acessibilidade esperada em Informativos e editais de processos seletivos em sites institucionais que pudessem servir de parâmetros para pesquisa conta, em sua maioria, com ferramentas limitadas para atender as necessidades comunicacionais do Surdo. De acordo com Ayala e Santos (2019, p. 106):

Atualmente, poucos sítios eletrônicos, criados em favor da internet podem ser considerados acessíveis, e este fato também é presente nos sítios educacionais e governamentais. Em muitos casos a falta de acessibilidade deve-se a ausência de conhecimento especializado por parte dos técnicos ou mantenedores das páginas da Web ou World Wide Web(W3), além das adequações de conceitos e tecnologias.

Correlato às dificuldades de acessibilidade na página principal do IF Fluminense, os editais e as etapas de inscrição seguem sem tradução e dependente de um setor para atender alguma dúvida do candidato surdo conforme percebido nas entrevistas, cabendo ressaltar que, somente o respondente E não obteve auxílio do NAPNE, pois sua mãe acompanhou todo o processo. Salienta-se que é importante os candidatos terem alguma noção do que estão escolhendo, mesmo não sabendo exatamente todas as características do curso que estão por fazer. Além disso, verificou-se que o setor se tornou a primeira opção de apoio nas inscrições devido à falta de acessibilidade do site, inclusive aqueles candidatos que fizeram a inscrição por mais de uma vez.

A investigação prossegue com a busca sobre os motivos que os levaram a escolher os respectivos cursos. As justificativas apontadas, em geral, estavam relacionadas à equivocada

ideia sobre a proposta do curso somada ao desconhecimento sobre o perfil profissional e a perspectiva não realista da área de atuação.

Para os candidatos que se inscreveram para o curso de mecânica, as respostas reafirmam a concepção inicial que os surdos tinham do curso. O candidato “A” declara: *“Eu achava que poderia realizar manutenções domésticas, também imaginava que o curso englobava a área de manutenção de automóveis e aeronaves”*. O respondente “C” aponta sua mãe como fator determinante para a escolha do curso, ele afirma: *“Naquele período foi mais pelo incentivo da minha mãe. Era uma maneira de experimentar a mecânica automotiva, mas no fundo eu não queria por eu ser surdo. No passado, eu aprendi a fazer manutenção em motos, mas carro é diferente”*.

Mais uma vez identifica-se a ideia do curso Técnico em Mecânica vinculada predominantemente a manutenção de automóveis. De acordo com as informações sobre a área de atuação do curso trazidas no site da Instituição,

O profissional da área poderá atuar em empresas de segmento petrolífero, indústria naval, fábricas de máquinas e equipamentos, empresas de manutenção de equipamentos mecânicos, empresas de projetos, instalações e projetos, instalações e montagens; montadoras automotivas e indústria siderúrgica (IFFluminense, 2023).

De fato, o conhecimento adquirido neste curso apresenta princípios gerais da mecânica capazes de instrumentalizar profissionais do segmento automotivo. Entretanto, esse aspecto é periférico à proposta do curso, sendo o enfoque às demandas industriais. Ocorre que, por via de regra, o entendimento apropriado da parte do candidato somente tem acontecido durante o curso segundo elucidado com a pergunta: *“Se já realizou algum curso no IFF, ele correspondeu às expectativas?”*.

Para o respondente “A” que cursou parcialmente o curso de mecânica, foi obtido a seguinte resposta: *“O curso era diferente do que eu pensava. O curso era voltado para indústria, pude perceber durante as explicações nas aulas. Fiz confusão, acho que me atrapalhei na escolha. Até acredito que estava dentro da perspectiva de outros, porém não na minha”*.

A falta de informações sobre um curso pode gerar esse tipo de sentimento a partir do ingresso do estudante. Alguns, ao perceberem a diferença do que pensavam a respeito da formação, se frustram devido às expectativas criadas, ao passo que outros não se abalam e se adaptam, mesmo não sendo exatamente o que gostariam de fazer. No caso do respondente “A”, para saber o quanto é determinante a acessibilidade, foi perguntado se faria o curso caso houvesse informações mais claras e acessíveis, ele responde: *“Não, não escolheria porque não*

teria dúvidas da incompatibilidade. Durante o curso eu até estudava, mas esquecia muita coisa, acho também que era por não ter afinidade com o conteúdo”.

O grau de complexidade do conteúdo do curso foi outro motivo apontado pelo respondente “A” sobre o motivo de sua frustração. Ele diz: *“Quando ingressei propriamente no curso, foi estranho saber como era diferente e difícil. Achava difícil a terminologia e as operações matemáticas das disciplinas, tudo aquilo me deixava muito ansioso pela dificuldade”.*

Através dessas respostas, tornou-se evidente que a falta de informação sobre o curso, assim como a falta de clareza sobre a área de atuação e o perfil profissional desejados, juntamente com as dificuldades encontradas no aprendizado do conteúdo, resultaram, respectivamente, em expectativas frustradas e desânimo. Pelos motivos apresentados, o respondente A abandonou o curso.

Por outro lado, estar familiarizado com as premissas fundamentais do curso pode resultar em êxito. Em uma das entrevistas foi identificado a possibilidade de promoção no trabalho como fator para a escolha do curso técnico. O respondente “G” declara que recebeu um incentivo de outro profissional da empresa onde trabalhava para fazer o curso Técnico em Mecânica. Ele afirma: *“Nessa época eu trabalhava na Ford e um amigo comentou sobre a existência desse curso técnico. Achei que tinha a ver com o meu trabalho, ficando mais evidente à medida que cursava as disciplinas. Vi também como uma oportunidade de ampliar minhas possibilidades de emprego”.*

Sua escolha consciente e dedicação nos estudos resultou na conclusão do curso com êxito. Vale salientar que o respondente “G” exerce grande protagonismo na comunidade surda por ser uma pessoa articulada, politizada e diligente nas causas inclusivas, atuando como presidente de uma Associação de Surdos.

A ênfase no perfil do respondente se coaduna com o desempenho no âmbito escolar, bem como sua possível participação em orientar outros surdos em realizar um curso técnico. Ao ser perguntado sobre os diferentes cursos existentes no IFFluminense, ele coloca um dado relevante que corrobora com as informações anteriores.

“Vejo que pela falta de experiência do surdo com esse meio, necessita-se de orientações claras que os façam compreender aspectos dos diferentes cursos que há no IFF como os cursos de mecânica, eletrotécnica e até os cursos superiores. Entendo que antes precisam compreender o porquê da escolha e a área em que podem atuar. Quando é uma área que conheço, faço questão de esclarecer para outros surdos as características do curso que são importantes saberem. Costumo incentivá-los a tentar algum curso no IFF, isso os deixa empolgados, claro que acabam sempre decidindo em conjunto com a família” (Entrevistado “G”).

Morais (2019, p. 118) ao destacar o comportamento peculiar dos que exercem liderança na comunidade Surda, ele afirma:

Na Comunidade Surda, reconhece-se um líder surdo como representante dos direitos e deveres, como um lobby a nível Nacional líder esse que deve:

- Ser membro ativo da Comunidade Surda;
- Utilizar Língua Gestual pura e natural;
- Reconhecer os seus direitos e deveres;
- Envolver-se na política em geral;
- Apresentar uma forma de comunicação e sabedoria;
- Ter acesso às oportunidades de educação;
- Exemplificar a modalidade visual (necessária a toda a Comunidade);
- Demonstrar clareza na comunicação, devendo estar consciente de uma comunicação clara e de uma boa compreensão das suas tarefas, tendo em conta os contributos e ideias dos membros e Pessoas Surdas;

As características elencadas pelo autor confirmam o grau de influência que determinadas lideranças esclarecidas atuam sobre outros da comunidade em situações de incipiência por causa das barreiras comunicacionais. Naturalmente que é uma afirmação frágil e insustentável dizer que o entrevistado G tenha influência determinante em todos os casos em que o surdo escolheu o curso de mecânica. Entretanto, fica evidente a vulnerabilidade em que o público-alvo se encontra diante da falta de acessibilidade comunicacional acerca dos cursos técnicos ofertados pelo IFFluminense.

Ainda sobre o processo decisório, os respondentes “B”, “E” e “F” que participaram do processo seletivo para o curso Técnico em Informática, trouxeram luz a algumas questões importantes. Relataram que a principal razão da escolha por esse curso foi pela maior possibilidade de conseguir emprego desempenhando atividades administrativas.

Para eles, em especial os respondentes “E” e “F”, o curso Técnico em Informática poderia os capacitar com noções básicas da área para preparar apresentações, planilhas, textos e outros recursos que colaboram diretamente com a rotina administrativa.

Nota-se, outra vez, o interesse por competências adjacentes ao eixo principal do curso que são divididos em: Programação, Redes e Hardware. Somente a respondente “B”, concluinte do curso, tinha consciência da dimensão e das habilidades que poderia desenvolver. Sobre a perspectiva do curso, ela afirma que sua vontade era fazer gastronomia, mas como não havia oferta do curso no IFFluminense, decidiu fazer um curso que pudesse logo se inserir no mercado de Trabalho. Neste sentido, ela afirma que sua perspectiva foi atendida pois conseguiu um emprego assim que concluiu o curso.

Outrora, um dado notável expressado pela respondente “B” que está intimamente ligado à fala do respondente “A” revela uma das tendências de evasão nos cursos. Apesar de ter

concluído o curso Técnico em Informática, ela diz que ficou surpresa com a predominância de matemática em algumas disciplinas, sendo algo que poderia levar ao abandono do curso. Na mesma linha, o respondente “A”, que cursou mecânica, afirma sobre o motivo de ter evadido: *“Era um curso muito pesado, também havia muita dificuldade em compreender as contas, fórmulas e aquela profundidade da escrita técnica. Realmente não estava motivado em continuar, faltava afinidade”*.

Certamente que determinados fatores relacionados à ausência de clareza nas informações acerca dos cursos técnicos é comum para todos os públicos. Costa e Campos (2000, p. 35) contextualizam essas dificuldades:

Ao considerarmos a evasão como um comportamento motivado, à luz desses dois modelos teóricos, estamos postulando que sua compreensão e conseqüente prevenção ou redução tornam-se possíveis se identificarmos as expectativas e experiências quanto ao curso, profissão e instituição, às prévias do ingresso nele, e se pudermos verificar as dissonâncias cognitivas experimentadas entre as expectativas e crenças iniciais e ao longo de um dado período de curso no qual se constatam desistências, trancamentos e evasão.

Como mencionado pelos autores, o sentimento de frustração quanto a escolha do curso é um dado relevante para desistência, trancamento e evasão. Este fator, tem levado a criação de medidas, por parte das Instituições, pensadas em prevenir ou reduzir a evasão. Entretanto, quando delimita o público surdo nessa questão, elucida-se um prejuízo maior do que está posto em linhas gerais. Acrescenta-se nessa problemática, as barreiras comunicacionais que pouco são consideradas nos instrumentos que visam orientar os estudantes sobre a variedade de cursos e suas características.

Outro respondente em condição de evadido revela que a admissão no emprego foi a razão de ter abandonado o curso. Em síntese, os motivos de evasão são diversos e, por vezes, não estão associados ao pleno entendimento da área em que estão estudando. Conforme Souza e Artuso (2022, p. 146):

O abandono é sempre a história de alguém em um determinado contexto. Como história pessoal possui minúcias que nunca poderão ser esgotadas nem pela mais rigorosa das análises. Embora cada história de abandono seja única no conjunto das contingências envolvidas, existem similaridades que podem ser compreendidas. Resolver um problema de alguém é resolver outros problemas da mesma pessoa e possivelmente muitos outros problemas de muitas outras pessoas.

O conjunto de entrevistas permitiu coletar dados fundamentais sobre o grau de acessibilidade, os fatores envolvidos na escolha do curso técnico e a relação que as etapas anteriores ao efetivo ingresso tem com a continuidade acadêmica ou evasão. Transversal a estas

questões, foi possível compreender como a comunidade surda da cidade está conectada ao IFFluminense onde a mesma cumpre um papel significativo na trajetória acadêmica desse público, afinal, expressiva parcela dos entrevistados relatou interesse em dar continuidade nos estudos cursando o Ensino Superior ou por fazer um curso Técnico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se perceber que a fase que precede ao ingresso do estudante na Educação Profissional e Tecnológica pode ser fundamental para sua continuidade e satisfação durante o percurso educacional. Quando se trata do Surdo, as diferenças linguísticas somadas às ausências de mecanismos na acessibilidade de informação podem resultar em frustração à medida que o curso escolhido não corresponde com a expectativa criada.

Através dos estudos de Karnopp (2009), Quadros (2006) e Strobel (2009) foi possível identificar a importância da Língua de Sinais para além da acessibilidade, representando afirmação de uma história de lutas e conquistas que orientou legislações na seguridade ao direito à Educação para esta parcela das minorias. Embora o IFFluminense não seja uma escola bilíngue, tem como pressuposto atender à necessidade específica das pessoas com deficiência pensando, tal qual acontece com o público em geral, na formação omnilateral. As dimensões envolvidas nessa formação estão intimamente ligadas ao senso de completude do indivíduo, incluindo, o respeito linguístico para interação e acesso à informação.

Os objetivos norteadores para esta pesquisa foram alcançados à medida que as investigações elucidaram as dificuldades encontradas pelo público-alvo ao depararem-se com as barreiras comunicacionais. Com base no objetivo geral, foi possível constatar que a falta de interpretação de editais e informativos institucionais está em desacordo com as normas legais estabelecidas por um arcabouço jurídico que exige a tradução completa dos editais de processos seletivos. Por conseguinte, em cumprimento do objetivo específico, foi desenvolvido um guia de curso com acessibilidade que combinou a utilização da Língua de Sinais com a incorporação de recursos visuais apropriados visando melhorar a experiência comunicativa com estudantes surdos. A criação do guia de curso, levando em consideração a construção visual, possibilitou introduzir elementos prévios pautados nas informações preponderantes do curso técnico, objetivando reduzir as barreiras encontradas no conteúdo em virtude do português na modalidade escrita. O perfil dos entrevistados indicou a necessidade de tornar as informações técnicas em sentenças simplificadas de modo a ser inteligível para surdos com diferentes níveis linguísticos. Dessa maneira, alguns termos específicos foram acompanhados por imagens e vídeos para atingir significativa associação conceitual.

Para o cumprimento do terceiro objetivo específico, a criação do produto educacional segue um modelo padronizado que pode ser aplicado a diferentes cursos ofertados pelo IF Fluminense. Em princípio, o respectivo produto Educacional visa servir como uma ferramenta adicional para o NAPNE do campus Centro para auxiliar os candidatos surdos que pretendem

se inscrever no curso Técnico em Informática. Intenciona-se ainda, hospedar o guia no site do IFFluminense com objetivo de atender todos os candidatos surdos que não realizam a inscrição diretamente no IFFluminense.

De todo modo, a acessibilidade comunicacional não pode ser resumida a apenas uma Tecnologia Assistiva com o intuito de reduzir as barreiras e, conseqüentemente, os impactos no desempenho acadêmico do estudante surdo. Tampouco os problemas serão dirimidos por concentrar a responsabilidade ao NAPNE para tornar acessível quaisquer informações para o surdo. Assim como a TA colabora, mas não substitui o profissional intérprete, requer maior alinhamento do setor de comunicação com o NAPNE para a elaboração de estratégias e definição de Tecnologias Assistivas com o intuito de aprimorar a acessibilidade nos canais de comunicação.

Embora a acessibilidade comunicacional seja o primeiro objeto em análise da pesquisa, reflexões acerca do discurso dos entrevistados indicam que outros fatores são decisivos na continuidade de um curso. Algumas desistências foram motivadas por causa da dificuldade de aprender o conteúdo específico da área, em especial, as que envolvem raciocínios lógicos. Nesse sentido, não significa que o êxito acadêmico do surdo esteja ancorado de forma única em saber antecipadamente as características do curso. Assim, estudos posteriores podem se dedicar em analisar a relação entre a base escolar deficitária e o desempenho acadêmico desse estudante que enfrenta sérias dificuldades em sua trajetória na Educação Profissional Tecnológica.

Devido ao número diminuto de participantes da pesquisa, não é possível concluir categoricamente que a evasão ocorre em virtude da falta de informações básicas do curso, todavia os relatos obtidos evidenciam o quanto isso pode ser determinante. Por certo, compreende-se, através das entrevistas, que a expectativa não realista decorrente da falta de acessibilidade sobre o curso é um aspecto relevante no processo decisório diante de um conjunto de fatores que acarretam abandono.

Dito isso, o comprometimento da autonomia do surdo no acesso à informação trouxe equivocadas ideias sobre os cursos pretendidos, principalmente, sobre o perfil profissional e a área de atuação, implicando na tomada de decisões baseada na falta de informação e/ou na influência de outros. Embora fosse apresentado pouco conhecimento sobre o(s) curso(s) por parte dos entrevistados, em alguns casos, as decisões se basearam nas demandas de mercado, progressão no espaço de trabalho e oportunidade do primeiro emprego.

A acessibilidade em suas mais diversas categorias deve ser um componente intrínseco à oferta de qualquer serviço prestado por uma Instituição, seja ela pública ou privada. No tocante ao IFFluminense, o aperfeiçoamento das ações voltadas para acessibilidade é de caráter

contínuo dada a diversidade do público e o protagonismo regional de Educação Profissional Tecnológica.

Assim, a instituição precisa manter a escuta aberta para esse público que não apenas deseja melhorias no acesso, mas avanço nas condições no âmbito da sala de aula e em outros espaços para além do NAPNE, prospectando ações desenvolvidas e alinhadas com os princípios da inclusão para cumprir a missão da escola, uma educação para todos.

7 REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **The psychology of meaningful verbal learning**. New York: Grune & Stratton, 1963.

BARDAGI, M. P. **Evasão e comportamento vocacional de universitários**: estudo sobre desenvolvimento de carreira na graduação. 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10762>. Acesso em: 04 ago. 2022.

BELAUDE, C. Z.; SOFIATO, C. G. O visual na educação de surdo. **Periódico Científico do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Revista Espaço)**, INES – Rio de Janeiro, n. 52, p. 67 jul -dez/2019.

BERSCH, R. **Introdução à tecnologia assistiva**. 2017. Disponível em: https://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf. Acesso em: 04 ago. 2022.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, 2022.

BRASIL. **Decreto 3298 de 20 de dezembro de 1999**. Brasília: Política Nacional para a Integração da Pessoa de Deficiência, 1999.

BRASIL. **Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 29 maio 2022.

BRASIL. **Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm. Acesso em: 29 maio 22.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 29 maio 22.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 29 maio 22

BRASIL. Ministério da Educação, 2014. **Documento orientador para a superação da evasão e retenção na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/190-secretarias-112877938/setec-1749372213/30171-publicacoes-gerais>. Acesso em: 29 maio 2022

BRASIL. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. **Comitê de Ajudas Técnicas. Tecnologia Assistiva.** Brasília: CORDE, 2009.

BRASIL. **Resolução CNE nº 1**, 5 de janeiro de 2021. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECPN12021.pdf. Acesso em: 21 out. 2023.

CARDOSO, M. H. M. **Inclusão de alunos com deficiência na educação profissional e tecnológica.** 2016. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4804/1/MARIA_HELOISA_MELO_CARDOSO.pdf. Acesso em: 04 ago. 2022.

CHOO, C. W. A. **Organização do conhecimento:** como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. Tradução: Eliana Rocha. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

COSTA, F.A. (1998). **Concepção de sistemas de formação multimídia: elaboração de um Guia de Autor.** Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/301496352_Concepcao_de_sistemas_de_formacao_multimedia_elaboracao_de_um_Guia_de_Autor. Acesso em: 01 set. 2023.

COSTA, A. E. B; CAMPOS, H. R. **Disponibilidade de informação e comportamento de evasão.** Avaliação Institucional: Belo Horizonte. UFMG, 2000.

DAMÁZIO, M. F. M. **Atendimento educacional especializado:** pessoa com surdez. 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ae_da.pdf. Acesso em 20 jul. 2022

DORE, R.; LÜSCHER, A. Z. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, v. 41, n. 144, p. 772-789, set./dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742011000300007&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 20 jul. 2022.

FERNANDES, J. M., FREITAS-REIS, I. A história da educação de surdos: uma relação com os aspectos da semiótica de Pierce. **Revista Educação Especial em Debate**, v. 5, n. 9, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/31594/21072>. Acesso em: 23 set. 2022.

FERRAZ, F. J. S.; FERRAZ, L. As relações sociais de comunicação entre surdos e não surdos. **EFDesportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires. Ano 20, n. 211, dezembro de 2015. Disponível em: [As relações sociais de comunicação entre surdos e não surdos \(efdeportes.com\)](http://efdeportes.com). Acesso em: 20 set. 2023.

FERREIRA, Shirley Alves da Silva; ARAGÃO, Ivan Rêgo. Reflexões acerca da pessoa surda e as dificuldades em reconhecer a estrutura gramatical da língua portuguesa. **Revista Educação Pública.** Rio de Janeiro, v. 22, nº 11, 29 de março de 2022. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/11/reflexoes-acerca-da-pessoa-surda-e-as-dificuldades-em-reconhecer-a-estrutura-gramatical-da-linguaportugues>. Acesso: 20 jul. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GAIOSO, N. P. L. **O fenômeno da evasão escolar na educação superior no Brasil**. 2005. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE. **Resolução nº 88, de 15 de outubro de 2018**. Programa de Acessibilidade Educacional do IF Fluminense.

KAPLÚN, G. Material educativo: a experiência de aprendizado. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 27, p. 46-60, maio/agosto, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37491>. Acesso em: 22 out. 2022.

KARNOPP, L. **Fonética e Fonologia. Ensino a Distância**. Curso de Graduação em Letras Libras. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2009.

KARNOPP, L. **Literatura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte, MG; Porto Alegre, RS: UFMG; Artmed, 1999.

LIMA, C. J. *et al.* Tecnologia assistiva e tradução para libras: desafios da ferramenta de tradução automática de vídeos Vlibras. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, p. e385101220720, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20720>. Acesso em: 12 set. 2023.

SOUZA, S. L.; ARTUSO, A. R. Abandono, evasão, permanência e êxito na educação profissional e tecnológica: considerações sobre o estado da arte de 2015 a 2019. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 6, n. 1, p. 135-149, 2022. Disponível em: <https://ojs.ifes.edu.br/index.php/ept/article/view/950>. Acesso em: 6 set. 2023.

LODI, A. C. B. **Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação e o Decreto 5626/05**. Educação e pesquisa, v.39, p. 49-63, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n1/v39n1a04>. Acesso em: 22 de jul. 2022.

MACHADO, F. M. A. **Conceitos abstratos**: escolhas interpretativas de português para Libras. 2. Ed. Curitiba: Appris, 2017.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. V. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTINS, S. L. A importância das mídias no ensino da Língua Portuguesa na Educação de surdos. **Informativo Técnico-Científico Espaço**, INES. Rio de Janeiro, n. 34, p. 10, jul-dez/10.

MAZIERO, E. G. *et al.* **Ferramenta automática de simplificação textual.** Disponível em: sites.icmc.usp.br/tasparado/TIlic2009-MazieroEtAl.pdf. Acesso em: 22 jul. 2022.

MINAYO, M.C.S. Trabalho de campo: Contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MORAIS, Amílcar José. Liderança surda. **Medi@ções**, v. 7, n. 1, p. 111–120, 2019. Disponível em: <https://mediacoes.esse.ips.pt/index.php/mediacoesonline/article/view/212>. Acesso em: 05 set. 2023.

MOREIRA, M.A. **O que é afinal Aprendizagem Significativa?** Disponível em: <http://moreira.if.ufrgs.br/oqueefinal.pdf>. Acesso em: 05 set. 2023.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. **Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel.** 2. Ed. São Paulo: Centauro, 2006.

NASCIMENTO, F.; FARIA, R. A questão da inclusão na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica, a partir da ação TECNEP. IN: NASCIMENTO, Franklin Costa do. Et. al (orgs). **Educação Profissional Tecnológica Inclusiva: um caminho em construção.** Brasília: IFB, 2013. Disponível em: <https://revistaeixo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/article/view/185/86>. Acesso em 22 maio 2023.

PEREIRA, M. C. *et al.* **LIBRAS: conhecimento além dos sinais.** 1. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2011.

PIVETTA, E. M. *et al.* Contribuições para o design de interface de um ambiente virtual de ensino aprendizagem acessível a surdos. **InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, v. 10, n. 2, p. 193–206, 2013. Disponível em: <https://www.infodesign.org.br/infodesign/article/view/186>. Acesso em: 22 maio 2023.

O'LEARY, Z. **Como fazer seu projeto de pesquisa: guia prático.** Tradução de Ricardo A. Rosenbush. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

OLIVEIRA, M D. S.; GALASSO, B.J.B. Acessibilidade digital para surdos: tradução e interpretação de editais e informativos no site do IFAC. **Educere - Revista da Educação da UNIPAR**, v. 23, n. 1, p. 347–362, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/educere/article/view/10067>. Acesso em: 20 maio 2023.

OLIVEIRA, R. S.; CRUZ, R. L. S.; MAGALHÃES, R. J. Uma análise sobre o aplicativo Vlibras:(im) possibilidade de ser instrumento para efetivação da inclusão social via acessibilidade digital. In: **ANAIS 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade.** 2017. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/563/2019/09/9-1-1.pdf>. Acesso em 24 set. 2022.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 12. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

QUADROS, R. M. de e SCHMIEDT, M. L. P., 2006. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf/. Acesso em: 13 jan. 2023.

REIS, L. S.; ARAÚJO, T. M. U.; LIMA, M. D. F. C.; SALES, A. a S. S.; AGUIAR, Y. P. C. Avaliação de Usabilidade do Aplicativo VLibras-Móvel com Usuários Surdos. *In: Workshop de trabalhos de iniciação científica. Simpósio brasileiro de sistemas multimídia e web (webmedia), 2017, Gramado. Anais [...].* Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2017. p. 123-126. ISSN 2596-1683. Disponível em:

https://sol.sbc.org.br/index.php/webmedia_estendido/article/view/4848/4754. Acesso em: 23 ago. 2022.

ROCHA, J. A. P.; DUARTE, A. B. S. Diretrizes de acessibilidade web: um estudo comparativo entre as WCAG 2.0 e o e-MAG 3.0. **Inclusão Social**, v. 5, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1678>. Acesso em: 22 maio 2023.

SACKS, O. W. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTAELLA, L. Uma imagem é uma imagem, é uma imagem, é uma imagem... **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**. Sorocaba, SP, v. 3, n. 5, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2258>. Acesso em: 16 ago. 2023.

SANTANA, A. P. **Surdez e linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus editora, 2007.

SILVA, I. M. A. **Políticas de educação profissional para pessoa com deficiência**. 2011. 209f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SILVA, J. F. S. da. **Uma análise comparativa entre os aplicativos de tradução da língua portuguesa para a libras hand talk e vlibras**. 2021. Dissertação de Mestrado. Disponível em:

<https://repositorio.ifpb.edu.br/bitstream/177683/1288/1/UMA%20AN%c3%81LISE%20COMPARATIVA%20ENTRE%20OS%20APLICATIVOS%20DE%20TRADU%c3%87%c3%83O%20DA%20L%c3%8dNGUA%20PORTUGUESA%20PARA%20A%20LIBRAS%20HAND%20TALK%20E%20VLBRAS-JESSICA%20FERREIRA%20SOUSA%20DA%20SILVA.pdf> . Acesso em: 22 maio 2023.

SILVA, V. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola Pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006, p.14 – 37. Disponível em:

<https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/518>. Acesso em: 22 maio 2023.

SILVEIRA, E.R. H. **Acesso à informação acadêmica e a autonomia do estudante surdo no SIGAA módulo discente do IFSC**: um estudo de caso etnográfico no câmpus PHB. (Dissertação). Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional Tecnológica em rede Nacional (PROFEPT) – IFSC. Florianópolis/SC, 2020. Disponível em:

<https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/1793>. Acesso em: 24 set. 2022.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

STROBEL, K. **História da educação de surdos**, 2009. Disponível em: http://www.LIBRAS.ufsc.br/colecaoLetrasLIBRAS/eixoFormacaoEspecificada/historiaDaEducacaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducacaoSurdos.pdf/ Acesso em: 20 jun. 2022.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticos e prática na área das necessidades educativas especiais 1994**. Paris, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 29 maio 2022.

VIEIRA, C. R.; KUMADA, K. M. O.; DE OLIVEIRA MARTINS, S. E. S. Acessibilidade em libras no exame vestibular para surdos. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 5, n. 1, p. 13–26, 2018. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/8342>. Acesso em: 20 out. 2023.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução Ana Thorel; revisão técnica Cláudio Damacena. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.



APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevistador - pesquisador: De que maneira veio a conhecer o IF Fluminense?

Entrevistado A: Minha mãe e outras pessoas da minha família e amigos surdos da escola em que estudei perguntavam se eu tinha interesse em estudar no IFF. Mas eu não conhecia, então resolvi fazer uma visita em 2016 e decidi me inscrever para o curso técnico, entretanto, até aquele momento, foi a primeira vez que estive no IFF e no NAPNE. Não sabia que existia todo aquele espaço com surdos e intérpretes.

Entrevistador - pesquisador: Conhecia os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?

Entrevistado A: Não, não tinha ideia dos cursos ofertados.

Entrevistador – pesquisador: Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de escolha do curso?

Entrevistado A: Sim, foi bem difícil. São muitas questões envolvidas nessas decisões.

Entrevistador – pesquisador: As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?

Entrevistado A: Não foram acessíveis. São muitas palavras em português que não conheço, por isso foram barreiras para mim. Faltou conversão das informações do português escrito para Libras.

Entrevistador – pesquisador: Conhece o site do IFF?

Entrevistado A: Conheço o site, mas as palavras são desconhecidas por mim, acabo sempre tendo que perguntar a algum intérprete sobre o que está escrito ali. Observo que nunca está muito claro as informações uma vez que sempre estão somente em português.

Entrevistador – pesquisador: Alguém o (a) ajudou na inscrição?

Entrevistado A: Sim, os intérpretes do instituto ajudavam sempre que eu aparecia lá no NAPNE.

Entrevistador – pesquisador: Qual curso você escolheu?

Entrevistado A: Eu fiz mecânica.

Entrevistador – pesquisador: Por que escolheu este curso?

Entrevistado A: Eu achava que poderia contribuir para atividades relacionadas a casa.

Entrevistador – pesquisador: O que sabe sobre o curso escolhido?

Entrevistado A: Quando ingressei propriamente no curso, foi estranho saber como era diferente e difícil. Achava difícil a terminologia e as operações matemáticas das disciplinas, tudo aquilo me deixava muito ansioso pela dificuldade. Eu achava que o curso estava relacionado a manutenção de automóveis, eletricidade e, inclusive, fabricação de carros.

Entrevistador – pesquisador: Que atividade-fim vislumbra realizar com o respectivo curso?

Entrevistado A: Imaginava atender demandas próprias de empresas e atuações em diferentes áreas como manutenção aeronáutica.

Entrevistador – pesquisador: Se já realizou algum curso no IFF, ele correspondeu às expectativas?

Entrevistado A: O curso era diferente do que eu pensava. O curso era voltado para indústria, pude perceber durante as explicações nas aulas. Fiz confusão, acho que me atralhei na escolha. Até acredito que estava dentro da perspectiva de outros, porém não na minha.

Entrevistador – pesquisador: Se houvesse informações mais claras, você acha que escolheria esse curso?

Entrevistado A: Não, não escolheria porque não teria dúvidas da incompatibilidade. Durante o curso eu até estudava, mas esquecia muita coisa, acho também que era por não ter afinidade com o conteúdo.

Entrevistador – pesquisador: caso tenha evadido, qual foi o motivo?

Entrevistado A: Era um curso muito pesado, também havia muita dificuldade em compreender as contas, fórmulas e aquela profundidade da escrita técnica. Realmente não estava motivado em continuar, faltava afinidade.

Entrevistador – pesquisador: Gostaria de tentar outro curso?

Entrevistado A: Sim, vou tentar curso superior em Educação Física e talvez voltar a fazer um outro curso técnico. Vamos ver para frente.

ENTREVISTADO B

Entrevistador - pesquisador: De que maneira veio a conhecer o IF Fluminense?

Entrevistado B: Depois que concluí o ensino médio, eu passei algum tempo parada nos estudos. Então um intérprete me avisou que o IFF tinha cursos que eu poderia realizar, desse modo, compareci ao Instituto para conhecer. Fiz a inscrição no NAPNE e depois da aprovação na prova consegui ingressar.

Entrevistador - pesquisador: Conhecia os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?

Entrevistado B: Tudo não, conheço poucos. Sei do curso técnico de Informática e Telecomunicações.

Entrevistador – pesquisador: Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de escolha do curso?

Entrevistado B: Na verdade meu desejo era fazer culinária, mas não havia no IFF então decidi por Informática mesmo não sendo exatamente o que eu queria. Era um curso que via possibilidades de aplicar o conhecimento na área administrativa de hospitais e outros espaços.

Entrevistador – pesquisador: As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?

Entrevistado B: Realmente não lembro de ter tido acesso a informações em Libras, pelo menos eu não consegui.

Entrevistador – pesquisador: Conhece o site do IFF?

Entrevistado B: Conheço o site, mas não profundamente. Algumas partes somente.

Entrevistador – pesquisador: Qual curso você escolheu?

Entrevistado B: Curso técnico de Informática e depois fiz uma segunda habilitação em Telecomunicação, mas quanto a esse último eu não terminei.

Entrevistador – pesquisador: Por que escolheu este curso?

Entrevistado B: Porque pensei nas oportunidades de emprego. Na área poderia atuar em várias vertentes, inclusive com manutenção de computadores. O curso também permitiria certos aprendizados para meu uso doméstico.

Entrevistador – pesquisador: O que sabe sobre o curso escolhido?

Entrevistado B: Então, inicialmente eu queria algo relacionado a gastronomia, como não havia decidi fazer informática. Minha intenção era cozinhar e vender como fonte de renda.

Entrevistador- pesquisador: Mas quando você iniciou o curso de informática estava de acordo com o que imaginava?

Entrevistado B: Não, foi incompatível.

Entrevistador – pesquisador: Quais são as atividades que normalmente os profissionais formados nesta área realizam?

Entrevistado B: Acho que em laboratórios de informática fazendo manutenção, instalações e desenvolvendo planilhas.

Entrevistador – pesquisador: Que atividade-fim vislumbra realizar com o respectivo curso?

Entrevistado B: Realmente não tenho ideia. Fiz o curso, mas não era bem o que eu queria. Inicialmente planejava gastronomia, imaginava trabalhar com isso. Era meu sonho, a escolha por informática foi apenas por não ter o curso que pensei em cursar.

Entrevistador – pesquisador: Se já realizou algum curso no IFF, ele correspondeu às expectativas?

Entrevistado B: Mais ou menos. Eu concluí o curso de informática e cheguei a iniciar telecomunicações, mas eu tranquei o curso. O curso de Telecomunicações eu achei bem difícil e meu desempenho não estava bom. Além disso, por eu já ter concluído o curso de Informática queria trabalhar. Logo depois, eu consegui um emprego e, por fim, tranquei o curso.

Entrevistador – pesquisador: Gostaria de tentar outro curso?

Entrevistado B: Se for gastronomia, eu quero sim!!

ENTREVISTADO C

Entrevistador - pesquisador: De que maneira veio a conhecer o IF Fluminense?

Entrevistado C: Foi meu amigo surdo Matheus. Até hoje ele me incentiva a fazer os processos seletivos do IFF.

Entrevistador - pesquisador: Qual foi a primeira vez que você fez o processo seletivo?

Entrevistado C: Foi entre 2016 e 2017

Entrevistador - pesquisador: Conhecia os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?

Entrevistado C: Não. Na época conhecia e queria fazer mecânica embora hoje pense em fazer informática.

Entrevistador – pesquisador: Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de escolha do curso?

Entrevistado C: Bem, na vez que escolhi fazer mecânica pensei na limitação de escutar o som do carro para fazer manutenção e como faria algum tipo de diagnóstico. Mesmo assim fui decidido pelo curso de mecânica. Apesar daquela escolha, hoje estou inclinado pelo curso de informática, manutenção de computadores. Sei utilizar word, fazer lançamento em planilhas. Por isso, quero fazer o curso de informática.

Entrevistador – pesquisador: As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?

Entrevistado C: Nada.

Entrevistador – pesquisador: Conhece o site do IFF?

Entrevistado C: Nada. Não tive acesso ao site.

Entrevistador – pesquisador: Alguém o (a) ajudou na inscrição?

Entrevistado C: Na época que fiz a prova, minha mãe auxiliou no preenchimento dos campos da inscrição. Hoje eu aprendi, já sei preencher as principais informações.

Entrevistador – pesquisador: Alguém do IF Fluminense já te ajudou na inscrição?

Entrevistado C: Sim, já houve essa situação.

Entrevistador – pesquisador: Qual curso você escolheu?

Entrevistado C: Mecânica.

Entrevistador – pesquisador: Por que escolheu este curso?

Entrevistado C: Naquele período foi mais pelo incentivo da minha mãe. Era uma maneira de experimentar a mecânica automotiva, mas no fundo minha sensação era de não querer por ser surdo. No passado, eu aprendi a fazer manutenção em motos, mas carro é diferente. Necessita mais da audição, imagina se um cliente fica insatisfeito por um serviço no automóvel dele feito por mim. Certamente eu sofreria algum tipo de represália. Achei melhor não, prefiro o curso de Informática.

Entrevistador – pesquisador: Quais são as atividades que normalmente os profissionais formados nesta área realizam?

Entrevistado C: Um intérprete até explicou para mim de maneira sucinta sobre o curso. Hoje nem lembro muito o que foi dito.

Entrevistador - pesquisador: Mas o que você sabe pessoalmente sobre as atividades inerentes a área?

Entrevistado C: Eu vi alguns vídeos no youtube sobre mecânica que chamaram minha atenção sobre diferentes manutenções. Claro que para isso, é necessário realizar um curso. Não sei exatamente a abrangência por que não vi o currículo e outras informações do curso.

Entrevistador – pesquisador: Que atividade-fim vislumbrava em realizar com o respectivo curso?

Entrevistado C: Eu tinha a ideia de mecânica em automóveis.

Entrevistador – pesquisador: Gostaria de tentar outro curso?

Entrevistado C: Tenho sim. Como falei, minha vontade é o curso de Informática.

ENTREVISTADO D:

Entrevistador - pesquisador: De que maneira veio a conhecer o IF Fluminense?

Entrevistado D: Através do meu pai e do meu irmão. Eles trabalharam na parte de manutenção IF Fluminense.

Entrevistador - pesquisador: Conhecia os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?

Entrevistado D: Todos não. Sei que tem o curso de Automação, Informática, Edificações e Mecânica. Acho que só esses.

Entrevistador – pesquisador: Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de escolha do curso?

Entrevistado D: Eu tive muitas dúvidas na inscrição. Eu pedi que um intérprete pudesse me ajudar. Assim consegui fazer os devidos preenchimentos de maneira certa.

Entrevistador – pesquisador: As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?

Entrevistado D: Sim, alguma coisa.

Entrevistador – pesquisador: Conhece o site do IFF?

Entrevistado D: Conheço, mas muito basicamente. Mais a área de acesso a e-mail e senha. Acho bem difícil explorá-lo.

Entrevistador – pesquisador: Alguém o (a) ajudou na inscrição?

Entrevistado D: Sim, minha família.

Entrevistador – pesquisador: Qual curso você escolheu?

Entrevistado D: Informática.

Entrevistador – pesquisador: Por que escolheu este curso?

Entrevistado D: Eu tinha interesse em aplicação residencial. Meu pai trabalha com isso também, acho que por isso quis aprender.

Entrevistador – pesquisador: Alguém de maneira mais enfática te incentivou?

Entrevistado D: Não, eu apenas tomei conhecimento que tinha esse curso e decidi fazer.

Entrevistador – pesquisador: O que sabe sobre o curso escolhido?

Entrevistado D: Eu sei que está associado a eletricidade e até à utilização de motores.

Entrevistador – pesquisador: Quais são as atividades que normalmente os profissionais formados nessa área realizam?

Entrevistado D: Não sei. Penso que trabalham em empresas ou procuram outras coisas que estão mais interessadas.

Entrevistador – pesquisador: Que atividade-fim vislumbra realizar com o respectivo curso?

Entrevistado D: Pergunta difícil. Eu não consigo imaginar onde trabalhar, apenas em procurar um emprego e conhecer as demandas. Talvez seja com instalação e manutenção elétrica, realmente não sei. Aguardar para ver o que o espaço de trabalho vai exigir.

Entrevistador – pesquisador: Gostaria de tentar outro curso?

Entrevistado D: Vai depender se vou conseguir emprego ou não. Talvez escolheria o curso de informática.

ENTREVISTADO E

Entrevistador - pesquisador: De que maneira veio a conhecer o IF Fluminense?

Entrevistado E: Minha mãe soube dos vários cursos ofertados por aqui. Telecomunicação, segurança do trabalho, informática.

Entrevistador - pesquisador: Conhecia os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?

Entrevistado E: Sim. Conheço informática, segurança do trabalho, telecomunicações. São esses mesmos.

Entrevistador – pesquisador: Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de escolha do curso?

Entrevistado E: Eu não estava estudando nada, ficava somente em casa. Só tinha em mente fazer o curso de telecomunicações porque era o que eu gostava.

Entrevistador – pesquisador: As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?

Entrevistado E: Não tem. As etapas da inscrição, por exemplo, foram feitas por minha mãe.

Entrevistador – pesquisador: Conhece o site do IFF?

Entrevistado E: Eu conheço, mas o acesso geralmente é feito pela minha mãe.

Entrevistador – pesquisador: Alguém o (a) ajudou na inscrição?

Entrevistado E: Minha mãe.

Entrevistador – pesquisador: Qual curso você escolheu?

Entrevistado E: Eu escolhi informática, curso que cheguei a iniciar. Depois tentei Telecomunicação e também segurança do trabalho, mas não passei no processo seletivo.

Entrevistador – pesquisador: Por que escolheu este curso?

Entrevistado E: Queria um aprendizado para o trabalho, naquela época eu não tinha computador, assim decidi fazer o curso para me capacitar a trabalhar em lugares diferentes, por exemplo em consultórios e supermercados.

Entrevistador – pesquisador: Quais são as atividades que normalmente os profissionais formados nesta área realizam?

Entrevistado E: Realiza trabalhos em hospitais e supermercados. Não gosto de pensar em trabalhar em supermercados, hospital é melhor.

Entrevistador – pesquisador: O que sabe sobre o curso escolhido?

Entrevistado E: Lançamentos de dados em planilhas.

Entrevistador – pesquisador: Que atividade-fim vislumbra realizar com o respectivo curso?

Entrevistado E: Não sei bem, mas acho que atividades desempenhadas em RH e outros setores administrativos.

Entrevistador – pesquisador: Se já realizou algum curso no IFF, ele correspondeu às expectativas?

Eu não concluí o curso, mas até onde fiz atendeu sim.

Caso tenha evadido, qual foi o motivo?

Entrevistado E: Comecei a trabalhar no Atacadão.

Entrevistador – pesquisador: Gostaria de tentar outro curso?

Entrevistado E: Tenho que ver ainda sobre essa possibilidade.

ENTREVISTADO F

Entrevistador – pesquisador: De que maneira veio a conhecer o IF Fluminense?

Entrevistado F: Eu tinha notado o Instituto, fui pessoalmente lá e obtive a informação dos cursos técnicos.

Entrevistador – pesquisador: Conhece os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?

Entrevistado F: Conheço bem pouco, sei do curso de Segurança do Trabalho, Informática e Farmácia. Não conheço todos.

Entrevistador – pesquisador: Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de escolha do curso?

Entrevistado F: Eu tinha alguma angústia sobre os textos utilizados em aula, as atividades produzidas pelos professores e como eu conseguiria realizar o que fosse pedido. Além disso, pensava nas notas e na mediação feita pelos intérpretes de Libras.

Entrevistador – pesquisador: As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?

Entrevistado F: Quando eu fui buscar informações sobre o curso técnico, haviam palestras, mas busquei mais informações através do computador em português mesmo.

Entrevistador – pesquisador: Conhece o site do IFF?

Entrevistado F: Sim, eu conheço. Mas não consegui fazer inscrição sozinho, muitas palavras que eu não conhecia. Acho que o site falta acessibilidade, saber o resultado do processo seletivo foi outra dificuldade. Para o ouvinte é bem diferente, eles conseguem se inscrever rápido.

Entrevistado F: Alguém o (a) ajudou na inscrição?

Sim, fui ajudado por uma pessoa do NAPNE.

Entrevistador – pesquisador: Qual curso você escolheu?

Entrevistado F: Mecânica. Tentei o processo por duas vezes. Na terceira vez tentei o curso superior de design gráfico.

Entrevistador – pesquisador: Por que escolheu este curso?

Entrevistado F: Não era muito o que eu queria. Meu interesse era pelas oportunidades de trabalho, vi muitas pessoas trabalhando na área industrial e quando tentei uma oportunidade a exigência era ter um curso técnico.

Entrevistador – pesquisador: O que sabe sobre o curso escolhido?

Entrevistado F: Trabalha-se em fábricas de automóveis e empresas.

Entrevistador – pesquisador: Quais são as atividades que normalmente os profissionais formados nesta área realizam?

Entrevistado F: Manutenções em geral, testes em equipamentos e acessórios de automóveis. Também serviços administrativos relacionados a essa área.

Entrevistador – pesquisador: Que atividade-fim vislumbra realizar com o respectivo curso?

(Não cursou)

Entrevistador – pesquisador: Se já realizou algum curso no IFF, ele correspondeu às expectativas?

(Não Aplica)

Caso tenha evadido, qual foi o motivo?

(Não aplica)

Entrevistador - pesquisador: Gostaria de tentar outro curso?

Entrevistado F: Não agora, mas gosto do curso de segurança do trabalho. Seria um curso que tentaria futuramente.

ENTREVISTADO G

Entrevistador – pesquisador: De que maneira veio a conhecer o IF Fluminense?

Entrevistado G: Um colega de escola me chamou para fazer uma visita no IFF, na época o Instituto era chamado de CEFET CAMPOS. Lembro que eu não tinha muito conhecimento sobre o espaço, havia muitas barreiras no acesso às informações pelo fato de eu ser surdo. Os colegas de turma da minha escola me deram apoio, diziam que eu tinha bom potencial para estudar aqui, por isso, incentivaram-me a fazer a inscrição e vir estudar.

Pessoas próximas a mim davam boas referências sobre o ensino do Instituto. Alguns deles estudaram, outros tiveram filhos que fizeram algum curso e depois conseguiram emprego. Depois fiquei sabendo que aqui havia faculdade, nem tinha ideia o que era isso...

Resolvi então ir com a turma para fazer a inscrição no Instituto. As primeiras vezes não tive sucesso, perdi em todos os processos principalmente por não haver acessibilidade. Recordo que quando houve a mudança de CEFET CAMPOS para IF Fluminense aconteceram algumas melhorias no atendimento quanto a acessibilidade.

Entrevistador – pesquisador: Conhece os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?

Entrevistado G: Não conheço todos. Eu percebo que não há uma relação do candidato surdo com o objetivo do curso e outras informações pertinentes para a escolha. Vejo que pela falta de experiência do surdo com esse meio, necessita-se de orientações claras que os façam compreender aspectos dos diferentes cursos que há no IFF como os cursos de mecânica, eletrotécnica e até os cursos superiores. Entendo que antes precisam compreender o porquê da escolha e a área em que podem atuar. Quando é uma área que conheço, faço questão de esclarecer para outros surdos as características do curso que são importantes saberem. Costumo incentivá-los a tentar algum curso no IFF, isso os deixa empolgados, claro que acabam sempre decidindo em conjunto com a família.

Entrevistador – pesquisador: Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de escolha do curso?

Entrevistado G: As maiores dificuldades estão relacionadas às palavras, no entanto, se houver explicação do que está sendo tratado, eu consigo realizar o que se pede. Sem detalhamento fica bem difícil. Por isso é importante a acessibilidade porque quando eu tenho dúvidas eu preciso de alguém para esclarecer.

Entrevistador – pesquisador: As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?

Entrevistado G: Acho que tem sim, como eu não tenho muito tempo eu recebo muito auxílio aqui no NAPNE, eu aproveito a acessibilidade do setor por meio dos intérpretes e voluntários daqui para tirar minhas dúvidas quer seja sobre alguma inscrição quer seja de alguma outra necessidade acadêmica. Sempre sou grato ao suporte que recebo dos profissionais desse setor.

Entrevistador – pesquisador: Conhece o site do IFF?

Entrevistado G: Conheço, algumas vezes acesso ao site e outras pelas mídias sociais do Instituto. Quando surge alguma dúvida no que leio, chamo o intérprete para me explicar, principalmente quando há uma ou outra palavra que não sei.

Entrevistador – pesquisador: Alguém o (a) ajudou na inscrição?

Entrevistado G: Sim. Eu sempre preencho os campos da inscrição, mas quando estou inseguro ou em dúvida pergunto ao intérprete do NAPNE. Em geral, depois da verificação de algum profissional é que finalizo a inscrição.

Entrevistador – pesquisador: Qual curso você escolheu?

Entrevistado G: Eu fiz mecânica.

Entrevistador – pesquisador: Por que escolheu este curso?

Entrevistado G: Nessa época eu trabalhava na Ford e um amigo comentou sobre a existência desse curso técnico. Achei que tinha a ver com o meu trabalho, ficando mais evidente à medida que cursava as disciplinas. Vi também como uma oportunidade de ampliar minhas possibilidades de emprego.

Entrevistador – pesquisador: O que sabe sobre o curso escolhido?

Entrevistado G: Eu não sabia muito sobre o curso porque no ensino fundamental não tratava muito sobre cursos técnicos. Depois de algum tempo percebi que o técnico era voltado para formação profissional em diversas áreas e nos mais variados espaços de trabalho. Por vezes, solicitei ajuda dos intérpretes para eu compreender melhor as características do curso que escolhi e no próprio andamento do curso com a abordagem do conteúdo.

Entrevistador – pesquisador: Quais são as atividades que normalmente os profissionais formados nesta área realizam?

Entrevistado G: Eu achava que estava muito relacionado com a manutenção de carros e todo seu sistema de funcionamento. A verdade é que o conteúdo traz muita matemática e na prática está a atuação acontece na indústria.

Entrevistador – pesquisador: Que atividade-fim vislumbrava realizar com o respectivo curso?

Entrevistado G: Assim que consegui o diploma, tinha expectativa de realizar alguma atividade compatível com o curso dentro da própria Ford. Apresentei meu diploma ao meu chefe, ele ficou impressionado. Infelizmente as operações da Ford foram reduzidas, mas ele havia incentivado a aproveitar oportunidades em outros lugares. Sugeri que eu realizasse concurso na área que exigisse a formação em mecânica. Passado um tempo, participei de um processo seletivo em Lavras – MG, mas não consegui passar. Tenho ficado atento a outros processos seletivos que venham a surgir.

Entrevistador – pesquisador: Se já realizou algum curso no IFF, ele correspondeu às expectativas?

Entrevistado G: Minha frustração foi a dificuldade de encontrar oportunidades de emprego. Por isso, decidi fazer um curso superior em Educação Física. Sempre estive envolvido com esporte e vi nesse curso oportunidade de promover inclusão. Eu já notava essa questão quando estudei numa escola particular que tinha uma pessoa com autismo. O professor não incluía esse aluno; como graduando de Educação Física pondero em possibilidades de adaptação na prática de esportes ao público diverso.

Entrevistador – pesquisador: Quer dizer, então, que você desistiu de tentar algo na área de mecânica?

Entrevistado G: Não, continuo procurando oportunidades, principalmente quando há vagas PCD. Mas percebo que a triagem acontece de acordo com a deficiência do candidato.

Entrevistador – pesquisador: Gostaria de tentar outro curso?

Entrevistado G: Hoje estou cursando Educação Física, mas futuramente posso pensar em fazer um outro curso sim, um técnico ou outro curso superior. Eu já estou acostumado a estudar e aqui tem profissionais maravilhosos que auxiliam bastante quanto a acessibilidade. Vou sempre continuar buscando conhecimento!

ENTREVISTADO H

Entrevistador - pesquisador: De que maneira veio a conhecer o IF Fluminense?

Entrevistado H: Em 2019, período em que eu cursava o 9º ano do fundamental, fiquei sabendo do Pró-IFF, mas apesar de não ter intérprete, assistia às aulas apenas copiando o conteúdo e visualizando o que se passava em sala. No final daquele mesmo ano, aconteceu um processo seletivo no qual me inscrevi para o curso técnico de mecânica. Foi a primeira vez que conheci o espaço, fui ao Napne para contactar um intérprete, inclusive este setor só fui conhecer naquele momento.

Entrevistador-pesquisador: Algum amigo ou familiar falou com você sobre o IF Fluminense?

Entrevistado H: Sim, eu morava em um abrigo onde a responsável me informou do processo seletivo para ingressar no Instituto.

Entrevistador - pesquisador: Conhecia os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?

Entrevistado H: Só alguns, o curso técnico em Mecânica e os cursos de Educação Física e Teatro.

Entrevistador – pesquisador: Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de escolha do curso?

Entrevistado H: Então, eu tive algumas dificuldades sim. Eu não fui bem na prova, como era de múltipla escolha, apenas “chutava” alguma delas. Não tive intérprete no período que estudei para prova. Acho que isso atrapalhou meu desempenho.

Entrevistador – pesquisador: As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?

Entrevistado H: Nada. Muitas informações escritas e nem sempre eu tinha um intérprete para ajudar.

Entrevistador – pesquisador: Conhece o site do IFF?

Entrevistado H: Conheço o site, já acessei algumas vezes para saber o dia da prova, data de pagamento da inscrição, impressão do guia de pagamento. Claro que sempre havia algum ouvinte explicando o que estava escrito.

Entrevistador – pesquisador: Alguém o (a) ajudou na inscrição?

Entrevistado H: Sim, consegui ajuda no NAPNE.

Entrevistador – pesquisador: Qual curso você escolheu?

Entrevistado H: Eu fiz mecânica.

Entrevistador – pesquisador: Por que escolheu este curso?

Entrevistado H: Não sei exatamente, acho que por ver pessoas trabalhando com isso, achei difícil, mas interessante de aprender.

Entrevistador – pesquisador: Acredita que essa escolha aconteceu por influência de alguém?

Entrevistado H: Tenho algumas lembranças do meu pai fazendo alguns consertos, acho que isso também influenciou.

Entrevistador – pesquisador: O que sabe sobre o curso escolhido?

Entrevistado H: Penso que posso aprender a examinar o nível de óleo do carro, conhecer o funcionamento, identificar os problemas e fazer os reparos necessários.

Entrevistador – pesquisador: Que atividade-fim vislumbra realizar com o respectivo curso?

Entrevistado H: Trabalhar em concessionárias e oficinas mecânicas fazendo manutenções em geral.

Entrevistador – pesquisador: Se já realizou algum curso no IFF, ele correspondeu às expectativas?

NÃO SE APLICA

Entrevistador – pesquisador: Se houvesse informações mais claras, você acha que escolheria esse curso?

NÃO SE APLICA

Entrevistador – pesquisador: caso tenha evadido, qual foi o motivo?

NÃO SE APLICA

Entrevistador – pesquisador: Gostaria de tentar outro curso?

Entrevistado H: Estou na dúvida entre dois cursos, o curso de Edificações ou o curso de Educação Física. Esse último, eu estou aguardando o resultado para ver se fui aprovado.

ENTREVISTADO I

Entrevistador – pesquisador: De que maneira veio a conhecer o IF Fluminense?

Entrevistado I: Estive no Instituto pessoalmente para conferir a possibilidade de fazer um curso mesmo com o meu tempo limitado.

Entrevistador – pesquisador: Conhece os cursos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro?

Entrevistado I: Conheço poucos, o curso de Informática e o de eletrotécnica.

Entrevistador – pesquisador: Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de escolha do curso?

Entrevistado I: Durante minha escolha, optei por eletrotécnica por achar que outros cursos eram mais pesados.

Entrevistador – pesquisador: As informações institucionais acerca do processo seletivo foram acessíveis?

Entrevistado I: Não. Fui apenas orientado por profissionais do Instituto.

Entrevistador – pesquisador: Conhece o site do IFF?

Entrevistado I: Conheço.

Entrevistador – pesquisador: Alguém o (a) ajudou na inscrição?

Entrevistado I: Profissionais do Instituto.

Entrevistador – pesquisador: Qual curso você escolheu?

Entrevistado I: Fiz o Proeja, o curso era Eletrotécnica.

Entrevistador – pesquisador: Por que escolheu este curso?

Entrevistado I: Por causa da oferta de trabalho.

Entrevistador – pesquisador: O que sabe sobre o curso escolhido?

Entrevistado I: Envolve manutenção em rede elétrica de casa e de postes.

Entrevistador – pesquisador: Quais são as atividades que normalmente os profissionais formados nessa área realizam?

Entrevistado I: Tem muitas possibilidades, vai depender do que vai aparecer para a pessoa dentro do ramo.

Entrevistador – pesquisador: Que atividade-fim vislumbrava realizar com o respectivo curso?

Entrevistado I: Gosto da parte de manutenção elétrica de residência.

Entrevistador – pesquisador: Se já realizou algum curso no IFF, ele correspondeu às expectativas?

Entrevistado I: A expectativa que tive foi diferente do que encontrei. Achei o curso bem difícil, em especial os cálculos.

Entrevistador – pesquisador: Caso tenha evadido, qual foi o motivo?

Entrevistado I: Eu parei porque não tinha tempo, chegava sempre atrasado. Além disso, o curso era difícil e demandava muito estudo.

Entrevistador – pesquisador: Gostaria de tentar outro curso?

Entrevistado I: Eu já pensei em fazer outro curso, mas minhas circunstâncias não permitem devido às responsabilidades que tenho com minha esposa e filhos, além dos cuidados que minha mãe idosa necessita regularmente.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 1 para a entrevista

(De acordo com as Normas das Resoluções CNS nº 466/12 e nº 510/16)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT): uma investigação acerca da autonomia do Surdo no IF Fluminense campus Campos Centro. Você foi selecionado para participar da entrevista por ter participado como candidato em algum dos processos seletivos do IF Fluminense entre 2016 e 2020. Esta pesquisa tem por objetivo investigar as dificuldades provenientes da falta de acessibilidade nas informações acerca dos cursos técnicos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro para, posteriormente, desenvolver um guia didático de cursos técnicos pautado nos resultados da pesquisa visando a autonomia no processo decisório dos surdos candidatos a ingressantes. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador e nem com qualquer setor desta Instituição. Os riscos relacionados com a sua participação nesta pesquisa são: desconfortos como disponibilidade de tempo, cansaço ou aborrecimento ao participar da entrevista, responder a questões que podem ser sensíveis para algumas pessoas e/ou embaraço de responder às questões ou medo de repercussões eventuais e para evitá-los ou minimizá-los serão feitos apenas questionamentos com a finalidade de verificar a percepção dos participantes restrita à temática deste estudo, sem gerar impactos físicos, morais ou psíquicos e garantindo local reservado e liberdade para não responder questões que considere sensível. Como benefício, espera-se com esta pesquisa não esgotar o assunto nem desconsiderar outros pontos de vista existentes acerca da temática, mas fornecer um contributo, tendo em vista a multiplicidade de pensamentos, no sentido de aperfeiçoar a acessibilidade comunicacional com vias de facilitar a tomada de decisão do candidato surdo. As informações obtidas por meio desta pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação. Sua colaboração é importante para identificar as barreiras comunicacionais encontradas nos processos seletivos, os aspectos de relevância na escolha do curso técnico e os elementos necessários para o desenvolvimento de um produto educacional acessível. Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar a sua identificação, mas poderão ser divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. Você tem direito de conhecer e acompanhar os resultados dessa pesquisa. Participar desta pesquisa não implicará em nenhum custo para você, e, como voluntário, você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela participação. Você será ressarcido de qualquer custo que tiver relativo à pesquisa e será indenizado por danos eventuais decorrentes da sua participação na pesquisa. Você receberá uma via deste termo com o e-mail de contato deste pesquisador que participará da pesquisa e também poderá solicitar a qualquer momento o contato do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP ISECENSA - que a aprovou, para maiores esclarecimentos. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão que controla as questões éticas das pesquisas na instituição e tem como uma das principais funções proteger os participantes de qualquer problema. Esse documento possui duas vias, sendo uma sua e a outra do pesquisador responsável.

Assinatura do pesquisador responsável

Diogo Henriques Cabral
Tel: (22) 9 9817-9299
E-mail: diogohcabral@gmail.com

Declaro que entendi os objetivos, os riscos e os benefícios da pesquisa, e os meus direitos como participante da pesquisa e concordo em participar.

Nome do(a) Participante da pesquisa

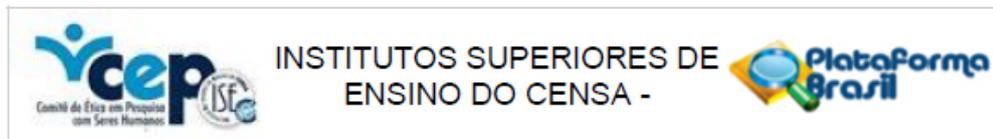
Data ____/____/____

Assinatura do(a) Participante

APÊNDICE C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM/VOZ

<p>_____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG n.º _____, inscrito no CPF/MF sob n.º _____, residente à Av/Rua _____, n.º _____, município de _____.</p> <p>AUTORIZO o uso de minha imagem e/ou voz em fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em material didático e científico decorrente do projeto ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (EPT): uma investigação acerca da autonomia do Surdo no IF Fluminense campus Campos Centro. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e/ou voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: folder de apresentação; artigos científicos em revistas e jornais especializados; aulas em cursos de capacitação; cartazes informativos; palestras em encontros científicos; banners de congressos; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema, programa para rádio e canais de divulgação na internet), desde que estejam relacionados com a divulgação do projeto e dos achados da pesquisa. Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a de outro por mim autorizado, podendo essa autorização ser retirada a qualquer momento sem prejuízo da relação entre participante e pesquisador, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.</p> <p style="text-align: center;">_____</p> <p style="text-align: center;">Assinatura do participante</p> <p>Nome do pesquisador: Diogo Henriques Cabral Tel: (22) 9 9817-9299 E-mail: diogohcabral@gmail.com Data: ____/____/____</p> <p style="text-align: center;">_____</p> <p style="text-align: center;">Assinatura do pesquisador</p>

ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Acessibilidade comunicacional na Educação Profissional e Tecnológica (EPT): uma investigação acerca da autonomia do Surdo no campus Campos Centro

Pesquisador: DIOGO HENRIQUES CABRAL

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67101222.9.0000.5524

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

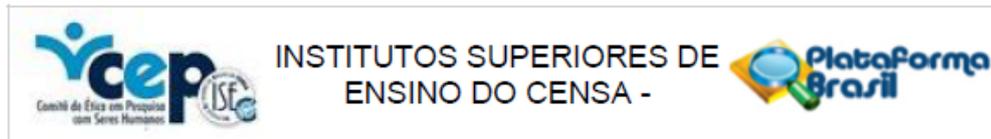
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.948.949

Apresentação do Projeto:

"Trata-se de uma Pesquisa de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, linha de pesquisa Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Está voltada para a acessibilidade das informações institucionais acerca dos cursos técnicos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro. Objetiva-se contribuir para a autonomia dos surdos, candidatos à ingressantes, no processo de escolha de um curso técnico auxiliado por guia de cursos acessível em Libras. Será um estudo de caso, com abordagem qualitativa e a participação de 19 pessoas surdas que, outrora, participaram dos processos seletivos do IF Fluminense no período de 2016 a 2020. Para a coleta dos dados primários, o enfoque é uma pesquisa de campo aplicando entrevistas sistemáticas e observação direta pelo pesquisador com estudantes surdos evadidos, concluintes e os que estão em atividade no IF Fluminense campus Campos Centro objetivando identificar os entraves na acessibilidade comunicacional e a relação na escolha do curso técnico. Será construído um registro escrito a partir das percepções dos entrevistados acerca da experiência que tiveram durante os processos seletivos. Dessa forma, a materialização do guia de cursos técnicos com acessibilidade será norteada pelos elementos trazidos pelos entrevistados em consonância com a literatura científica."

Endereço: Rua Salvador Correa, 139 - Centro - Área branca 2º andar sala 91
Bairro: Centro **CEP:** 28.035-310
UF: RJ **Município:** CAMPOS DOS GOYTACAZES
Telefone: (22)2726-2727 **Fax:** (22)2726-2721 **E-mail:** cep@iseoensa.edu.br



Continuação do Parecer: 5.948.949

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário: Investigar as dificuldades provenientes da falta de acessibilidade nas informações acerca dos cursos técnicos ofertados pelo IF Fluminense campus Campos Centro para, posteriormente, desenvolver um guia didático de cursos técnicos pautado nos resultados da pesquisa visando a autonomia no processo decisório dos surdos candidatos a ingressantes. Objetivo Secundário: 1. Introduzir elementos da aprendizagem significativa e dos organizadores prévios no processo de inclusão de surdos no IF Fluminense. 2. Desenvolver e aplicar um produto educacional, na forma de guia didático de cursos, para o público surdo candidatos a ingressantes. 3. Promover melhorias nos mecanismos de acessibilidade à informação institucional para a comunidade surda."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Vide o campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

"Vide o campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

"Vide o campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

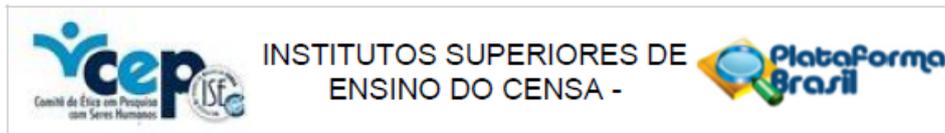
"Vide o campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pendências:

1. Ajustar TCLE (adicionar a assinatura do pesquisador responsável e endereço do CEP ISECENSA);
PENDÊNCIA ATENDIDA.
- 2 - Cronograma de Execução apresentado no cadastro da PB Defasado e Incompleto: O cronograma de execução do estudo apresenta inadequação no seu preenchimento. De acordo com a Norma Operacional CNS Nº 001 de 2013, item 3.4.1.9., "Todos os protocolos de pesquisa devem conter, obrigatoriamente: (...) Cronograma: informando a duração total do estudo no Brasil e, eventualmente, no mundo e as diferentes etapas da pesquisa, em número de meses. O cronograma do estudo não está adequado, pois informa que ele já teria iniciado. Sendo assim, solicitam-se esclarecimentos e, caso necessário, a adequação do cronograma com relação à data de início do estudo, dado que este ainda se encontra em análise no Sistema CEP/Conep até a presente data. Ressalta-se que a conduta do Sistema CEP/Conep tem sido de não emitir parecer em pesquisas concluídas ou em

Endereço: Rua Salvador Correa, 139 ç Centro ç Área branca 2º andar sala 91
 Bairro: Centro CEP: 28.035-310
 UF: RJ Município: CAMPOS DOS GOYTACAZES
 Telefone: (22)2726-2727 Fax: (22)2726-2721 E-mail: oep@iseoensa.edu.br



Continuação do Parecer: 5.948.949

andamento. Tal decisão baseia-se no fato do parecer ético não ser algo meramente burocrático, mas uma contribuição para a adequação do projeto de pesquisa às normas éticas vigentes, protegendo, assim, os interesses dos participantes e, conseqüentemente, de todos os envolvidos no processo: pesquisador, instituição, CEP e o próprio Sistema CEP/Conep.

Solicitam-se esclarecimentos e, caso necessário, adequação do cronograma com relação à data de início do estudo (Resolução CNS no 466 de 2012, item XI.2.a). PENDÊNCIA ATENDIDA.

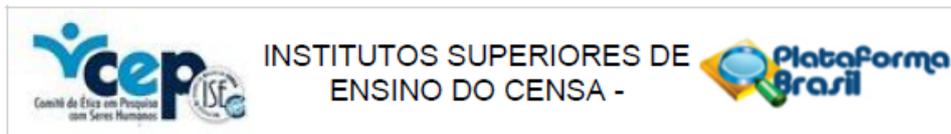
Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do ISECENSA -CEPISECENSA de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS no.466 de 2012 e na Norma Operacional no.001 de 2013 da CNS, manifesta-se pela aprovação do protocolo de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2052166.pdf	20/02/2023 11:21:06		Aceito
Cronograma	cronograma_corrigido.pdf	20/02/2023 11:19:33	DIOGO HENRIQUES CABRAL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_corrigido.pdf	20/02/2023 11:18:33	DIOGO HENRIQUES CABRAL	Aceito
Outros	coleta_de_dados.pdf	21/12/2022 13:35:32	DIOGO HENRIQUES CABRAL	Aceito
Outros	uso_imagem.pdf	21/12/2022 13:30:53	DIOGO HENRIQUES CABRAL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa_Diogo_Cabral.pdf	21/12/2022 13:18:40	DIOGO HENRIQUES CABRAL	Aceito
Declaração de concordância	declaracao_compromisso_diogo_cabral.pdf	21/12/2022 13:03:49	DIOGO HENRIQUES CABRAL	Aceito
Orçamento	orcamento_declaracao_de_custos_Diogo.docx	21/12/2022 12:52:38	DIOGO HENRIQUES CABRAL	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_de_anuencia_diogo_cabral.pdf	21/12/2022 12:50:57	DIOGO HENRIQUES CABRAL	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_diogo.pdf	21/12/2022 12:50:47	DIOGO HENRIQUES CABRAL	Aceito

Endereço: Rua Salvador Correa, 139 - Centro - Área branca 2º andar sala 91
 Bairro: Centro CEP: 28.035-310
 UF: RJ Município: CAMPOS DOS GOYTACAZES
 Telefone: (22)2726-2727 Fax: (22)2726-2721 E-mail: oep@isecensa.edu.br



Continuação do Parecer: 5.948.949

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPOS DOS GOYTACAZES, 16 de Março de 2023

Assinado por:
Nilo Terra Arêas Neto
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Salvador Correa, 139 ç Centro ç Área branca 2º andar sala 91
Bairro: Centro **CEP:** 28.035-310
UF: RJ **Município:** CAMPOS DOS GOYTACAZES
Telefone: (22)2726-2727 **Fax:** (22)2726-2721 **E-mail:** cep@iseoensa.edu.br